

REVISTA CULTURAL

# O GALO

ANO VI nº 7 - AGOSTO/94 GOVERNO DO RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - NATAL - BRASIL - R\$ 5,00

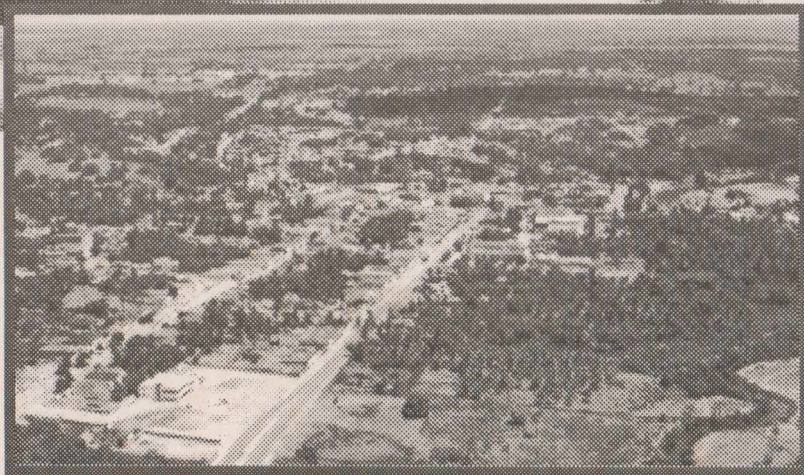
ESPECIAL





Inspiração e aventura:  
o segredo de uma terra  
para entrar na História.

*Inspiración y aventura:  
el secreto de una tierra  
para entrar en la Historia.*



Macaíba é terra de poesia e pioneirismo, berço da poetisa Auta de Souza e do balonista Augusto Severo, personagens de um tempo onde a inspiração representava o impulso de progredir.

Localizada a 16 km de Natal, a cidade também foi palco de lutas e acontecimentos decisivos para a História do Brasil.

*Macaíba es una tierra de pioneros y poesía, cuna de la poeta Auta de Souza y del navegante de balón Augusto Severo. Personajes de una época, donde la inspiración representaba las ansias de progresar.*

*Localizada a 16 km de Natal, capital del estado de Rio Grande do Norte, la ciudad fue también palco de lutas y acontecimientos marcantes para la historia de Brasil.*





# Prefácio

NEI LEANDRO DE CASTRO

Uma cidade não se abre  
fácil, como um guarda-chuva,  
a quem sequer não a tem.  
Uma cidade é como a luva:

sem o gesto e a medida  
exatos de quem a calça,  
jamais se entrega a você  
inteira, por mais que faça

empenho em possuí-la.  
Tem-na, sim, porém sem uso.  
Simples adorno ocultando  
sua alma ao intruso.

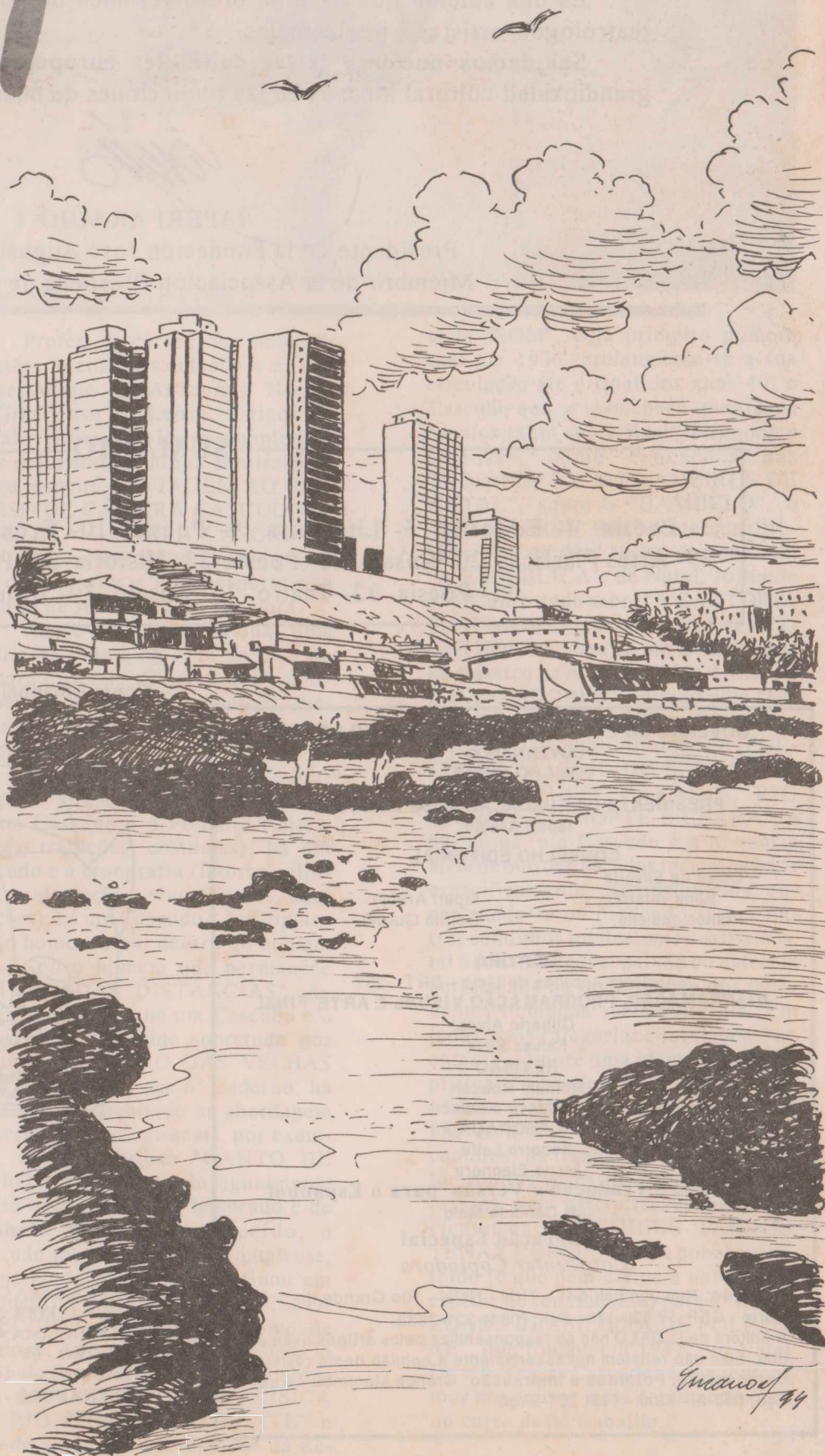
Mas possuí-la, através  
de um exercício constante  
de amor e contemplação,  
é vê o quanto de amante

uma cidade esconde em si.  
Ao menor gesto, qualquer,  
que venha de quem a ama,  
ela transcende: mulher.

Mulher lânguida que, amada,  
mais ama - além, sobre a dor.  
E nos devolve em silêncio  
o que lhe damos de amor.

Silêncio que pensa no homem  
o seu ingênuo pasmo,  
como a paz que nos oferta  
a mulher depois do orgasmo.

Natal não foge à regra  
que a experiência assinala.  
Íntima, entre o rio e o mar,  
se estende. Convém amá-la.





# UNA VISIÓN INTERNACIONAL

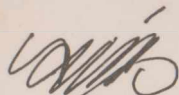
Este es un periódico con una bellísima história. Al principio teníamos una publicación con la misma denominación, pero hace tres años cambiamos la forma para la de una revista, sin mientrastanto cambiar la propuesta de divulgación de la cultura de la provincia del Rio Grande do Norte y sin perder el estrecho lazo con la cultura de todo el Nordeste brasileño.

Mientras cambiavamos la fôrma, ocurrió el episódio - Cumplicidades - con una muestra de la Cultura Ibérica en nuestra región.

El segundo episódio, la - Muestra de la Cultura Nordestina en Portugal - ha determinado la idéa de nuestra revista con un carácter internacional.

Es una edición que hace un breve resumen de nuestra cultura. Nuestros poetas, teatrólogos, artistas e intelectuales.

Saludamos nuestras raíces culturales européas que nos concedieron toda la grandiosidad cultural hincada en las tradiciones de nuestros pueblos.



**IAPERI ARAÚJO**

Presidente de la Fundación José Augusto-Natal, Brasil.  
Miembro de la Associação Brasileira de Críticos de Arte

## SUMÁRIO

3- Poesia 4- Editorial 5- Literatura 9- Poesia 10- Crônica 12- Cultura 16- Ensaio  
19- Artes Plásticas 20- Ensaio 21- Poesia 22- História 26- Poesia 27- Poesia 28- Folclore  
31- Poesia 32- Teatro 35- Ensaio 39- Arquitetura

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
GOVERNADOR  
VIVALDO COSTA

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**  
Iaperi Araújo

### CONSELHO EDITORIAL

Celso da Silveira  
Edna Duarte  
Franco Jasiello

Iaperi Araújo  
Deífilo Gurgel

### EDITORA

Auricéia Antunes de Lima - DRT - 257

### DIAGRAMAÇÃO, PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL

Gilberto Alves  
Falves Silva

### REVISÃO

Rômulo Robson  
Anchieta Xavier

### COLABORAÇÃO

Socorro Leite  
Maria Eleonora

**Revisão - Tradução e Versão para o Espanhol**  
Mª Cândida Melo

### Colaboração Especial

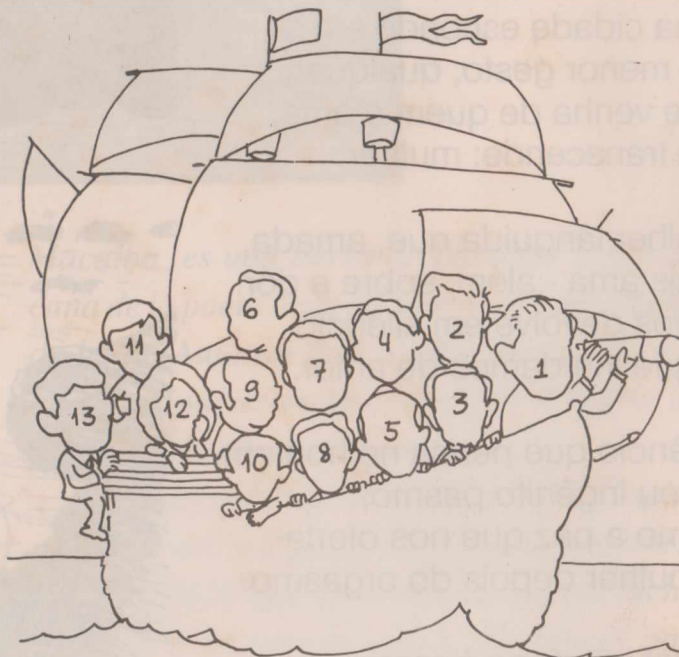
Copycenter Copiadora

**Redação:** Rua Jundiá, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59.020-120 Tel.: (084) 221-2938.

A editora de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista.

**Composição, Fotolitos e Impressão:** Gráfica Manimbu - Rua Açú, 666-A - Tirol - Tel.: 221-2938

Capa: Emanuel Amaral



01 - CÂMARA CASCUDO - 02 - OTTO GUERRA - 03 - AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA - 04 - ZILA MAMEDE - 05 - DIÓGENES DA CUNHA LIMA - 06 - HÉLIO GALVÃO - 07 - NEI LEANDRO DE CASTRO - 08 - JOÃO LINS CALDAS - 09 - EULÍCIO FARIAS DE LACERDA - 10 - FERREIRA ITAJUBÁ - 11 - ANCHIETA FERNANDES - 12 - PALMYRA WANDERLEY - 13 - IAPERI ARAÚJO



# Luis da Câmara Cascudo:

## *Uma visão da vida e da obra*

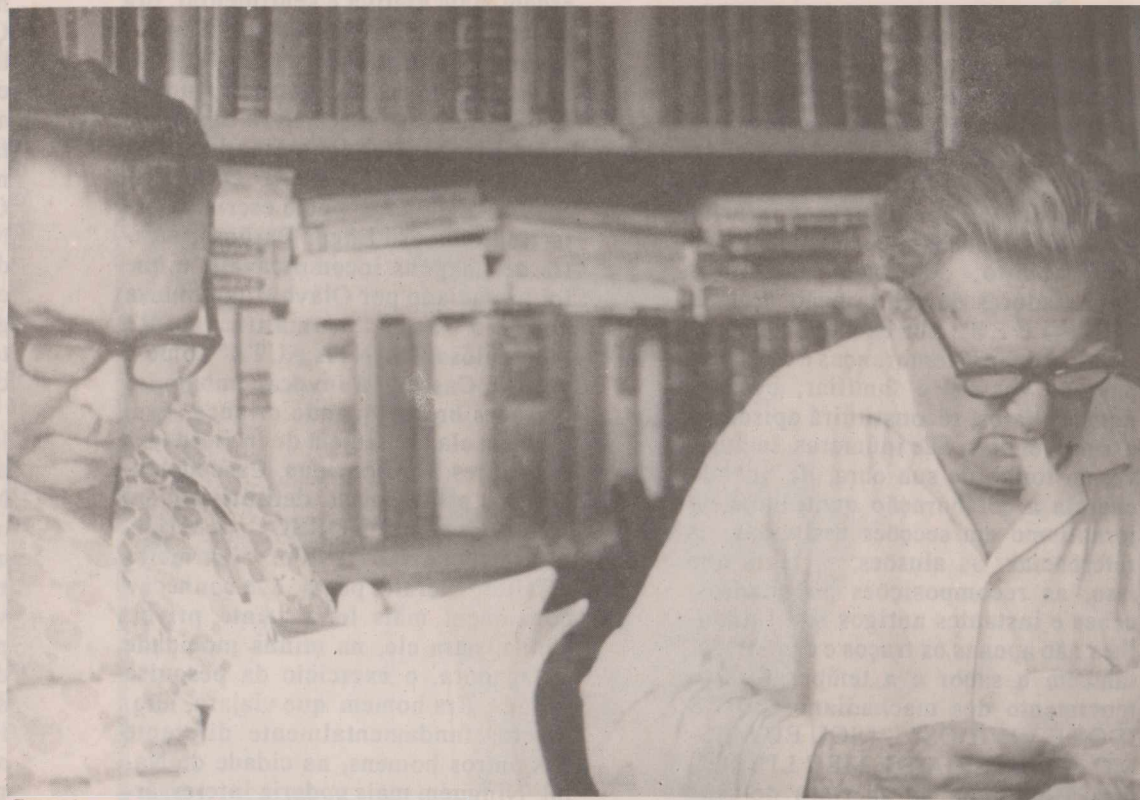
Américo de Oliveira Costa

Venho de longe, venho até mesmo de um longo espaço de tempo no conhecimento, no respeito, na admiração, na amizade, diria até mesmo na veneração de Luís da Câmara Cascudo.

Nos idos do ano de 1930, fui seu aluno eventual e ouvinte, em Natal, no então Ateneu Norte-RioGrandense: aluno de História do Brasil, disciplina de que já me desobrigara, no elenco das disciplinas preparatórias para o vestibular na Faculdade de Direito do Recife. Arrastado, porém, pelo fascínio da palavra tentacular do Mestre Natalense, como tantos outros estudantes, eu passara a seguir-lhe as aulas de História do nosso país. Os anos seguiram. Era, então, 10 de dezembro de 1939. Eu me instalara em Mossoró. E no banquete com que intelectuais, admiradores e amigos locais ofereceram a Luís da Câmara Cascudo, homenageando-o especialmente em sua visita àquela cidade, no pátio do Ginásio Diocesano Santa Luzia, fiz-lhe o meu primeiro discurso, em nome da comunidade; discurso tímido e de sentimento por assim dizer religioso.

A partir de então jamais dele me desliguei: em vida, de sua pessoa; depois de morto, de sua memória e de sua obra.

Companheiro, ou mais tecnicamente, confrade da Academia Norte-RioGrandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma convivência assim quase quotidiana nos aproximava cada vez mais, para mim honrosamente fraterna.



Cascudo e o escritor Américo de Oliveira Costa

Proferi discursos, em diversas ocasiões, inclusive saudando-o na sua posse solene na Academia Norte-RioGrandense de Letras, artigos de jornal e, enfim, dois livros completariam e definiriam a minha admiração e o meu respeito: a "VIAGEM AO UNIVERSO DE CÂMARA CASCUDO" e a "SELETA CÂMARA CASCUDO", este último com organização, prefácio, comentários e notas especiais, a respeito de sua vida e de sua obra.

Não é fácil, sem dúvida, uma análise da vida e da obra de Luís da Câmara Cascudo. O escritor é um arquipélago, é, além de numeroso, distribuindo-se em categorias intelectuais diversas.

Há um Cascudo e a História (terra, gente, situações, acontecimentos); há um Cascudo e o Folclore (mitos, lendas, tradições, costumes); há um Cascudo e a etnografia (fatores culturais, aculturações, sincretismos, adequações); há um Cascudo e Antropologia (o homem atual dentro do homem eterno, ou o homem que permanece "UM SER DAS DISTÂNCIAS", de Pierre Beyssade); há um Cascudo e o jornalismo, recolhido sobretudo nos volumes do "LIVRO DAS VELHAS FIGURAS", já no seu 6º Caderno; há um Cascudo envolvido na abordagem de certas espécies animais, por exemplo, o seu fabuloso "CANTO DE MURO"; há um Cascudo, igualmente muito oportuno de ser lembrado e de nenhum modo ser esquecido, o Cascudo que um pesquisador natalense, Gumercindo Saraiva, denominou em Plaquete de "MUSICÓLOGO DESCONHECIDO", o Cascudo o amigo de Mário de Andrade e de Villa Lobos, o Cascudo Professor de História da Música do "INSTITUTO DE MÚSICA DO RIO GRANDE DO NORTE" e grande animador e orientador da Re-

vista "SOM", cujo primeiro número saiu em 1936, prolongando-se a sua circulação até o final dos anos 40; o Cascudo que, a essa época, publicava ensaios tanto sobre Bach, Mignone e Debussy, como evocações das "MODINHAS E MODINHEIROS DE NATAL", sobre o "BAMBELÔ", o "BUMBA-MEU BOI" (este constituindo uma de suas "actas diurnas" em "A REPÚBLICA", de Natal, Julho de 1960, um estudo sobre "A CANTORIA SERTANEJA", bem como sobre o "O BATUQUE", além de um livro, tornando clássico na matéria, "VAQUEIROS E CANTADORES", editado pela "LIVRARIA DO GLOBO" de Porto Alegre, em 1939, sub-intitulado de "FOLCLORE PRÁTICO DO SERTÃO DE PERNAMBUCO, PARAÍBA, RIO GRANDE DO NORTE E CEARÁ"; e há, ainda, um Cascudo e a Memória além de outros Cascudos incatalogáveis especificamente, circunstanciais, encontrando-se ou perdendo-se por outros caminhos intelectuais e artísticos, tal a sua infatigável paixão ou extrema curiosidade na investigação dos fenômenos humanos sócio-culturais. Em todas essas categorias e rotulações, no entanto, sempre uma identificação espiritual do criador com a criação. Não há livro cascudiano em que o conteúdo não se anime das experiências, dos contatos, das frequentações do seu autor, muitas vezes anos após anos, sem pressas, nem precipitações, antes pacientemente. "PEDIBUS TARDUS, TENAX CURSUS", lema por ele escolhido (e que bem define a natureza, a espécie de seu trabalho) para a "SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLCLORE", que fundou em 1941, em Natal. De todos esses Cascudos é que tentaremos nos ocupar mais detalhadamente, no curso deste trabalho.



Reconta-se sempre a si mesmo, o generoso e franco mestre Cascudo, sem presunções nem vaidades, porque a verdade é que há passagens e momentos da obra literária que só se explicam ou decorrem basicamente de circunstância individuais. Mas também e sobretudo pelo gosto de ligar-se à sua terra, à sua gente, ao seu meio, ao seu tempo, centros máximos polarizadores de sua criação. Em "O TEMPO E EU", por exemplo, mobilizará e ordenará lembranças e coisas do passado pessoal e familiar, evocará nomes e fatos, reconstituirá episódios e convivências. São inúmeras, inclusive, ao longo de sua obra, de quando exercia a colaboração quotidiana no jornalismo em secções assinadas, as referências, as alusões, e, mais que isso, as recomposições de quadros, cenas e instantes antigos restituindo-lhes não apenas os traços e o colorido; também o sabor e a temperatura, o movimento dos machadianos "DIAS IDOS E VIVIDOS". - "SOU EU MESMO A MATÉRIA DE MEU LIVRO", dirá Montaigne na abertura de seus "ESSAIS". E ainda: - "QUERO QUE NELAS ME VEJAM NA MINHA MANEIRA SIMPLES, NATURAL E COMUM". Cascudo é dessa raça confessional e humaníssima, que busca a verdade geral na revelação das verdades particulares, e sabe-se exemplo e testemunho, não só do seu território humano, mas, por acréscimo, do seu tempo individual e social. Ninguém melhor dotado de uma poderosa força de comunicação.

Na obra, ou seja, nos livros de Mestre Cascudo, há uma característica especial que convêm sempre ressaltar: é a sua oralidade, o seu estilo coloquial. Em qualquer livro de Cascudo, há sempre o homem que ele foi, que se levanta e fala.

Por isso mesmo, quantas vezes, ao passarmos pelas proximidades de seu casarão na Junqueira Aires, como que nos bastava saber que ele estava lá dentro, estudando, escrevendo. E logo concluíamos que, do isolamento de nossas posteriores vigílias domésticas, iríamos reencontrá-lo, nas conversas com os seus livros, e era (e é) como se fosse com ele pessoalmente, e sem que o tivéssemos ido perturbar na sua cela de monge laborioso. Pois entrar no gabinete de Cascudo, quando o mestre lá se encontrava (e isto eu já escrevi nos idos de 40), dava sempre a impressão de que o iríamos interromper, desta ou daquela maneira, imperdoavelmente.

Os livros em que se ocupou de Auta de Souza e de Henrique Castriçano, este irmão da dolorosa poetisa do "HORTO", constituem também, a seu modo, livros de memórias. São tributos de admiração e respeito a dois seres que lhe são muito queridos, sombras, ou antes de sua ternura e figuras de seu hagiológico particular.

Sua vida e as de ambos estiveram ligadas, ora por circunstâncias de

ordem mais afetiva e sentimental, ora de natureza mais intelectual, a influência de Henrique marcando-lhe, talvez o próprio destino pessoal. Auta de Souza, que teve o seu livro de versos magnificamente denominados com "CANCIONEIRO GERAL DE NÓS-SAS TRISTEZAS", pelo escritor nor-riograndense Edgar Barbosa, mestre de imagens incomparáveis, e que foi prefaciado por Olavo Bilac, morta aos 25 anos, romanticamente tuberculosa, "SANTA AUTA" como o próprio Cascudo a invocava, embalou-o nos seus braços quando criança. Era, também ela, de seu clã de intimidades familiares. De Henrique, Cascudo escreverá estas coisas definitivas, em seu livro "NOSSO AMIGO CASTRICIANO": - "Foi o primeiro escritor, literato, poeta, que conheci e com quem mais longamente privei. Tinha, para ele, na minha mocidade indagadora, o exercício da pesquisa letrada. Era homem que viajara, lera, vivera, fundamentalmente diferente dos outros homens, na cidade de Natal. Ninguém mais poderia interessar-se por meus trabalhos de rapaz atrevido, disputando canto no poleiro literário da província. Livrou-me de admirações bastardas que deslumbravam meus companheiros de idade; dos batuques verbais disfarçando a ausência melódica; do cinismo pérfido, representando abnegação, desinteresse, altruísmo. Ensinou-me a contruir lentamente a cultura diária, pessoal, fontes e não antologias, degrau a degrau e não elevador subterrâneo. Fez-me compreender e amar, pelo seu exemplo, todas as formas vivas do trabalho humano; distinguir educação de instrução, cultura de inteligência, gordura de músculo. Vacinou-me contra o vírus da vaidade, do orgulho solene, da ostentação caricata, da pomposidade magistral. Com ele acreditei na perpetuidade da sabedoria popular, anterior e básica aos dogmas da ciência imponente. Provou-me que vida interior, quieta, humilde, incompreendida, iluminada pelas fadas do conhecimento, pela sensibilidade constante, pela abstração ascensional, determina a independência das compensações exteriores, a dispensabilidade dos aplausos, os impulsos votivos do estímulo. Graças a esse mundo interior, suficiente e pequeno, fiquei na província trabalhei sem prêmio".

"PROVINCIANO INCURÁVEL", como o rotulou Afrânio Peixoto, foi mesmo na província que realizou toda a sua obra. Nas oportunidades em que deixou o seu burgo natalense, ou se tratava de missões no exterior, "REPRESENTATIVAS", ou de missões de pesquisa e estudo, como a que o levou a percorrer os dois lados do continente africano, sobretudo nas suas faixas de colonização portuguesa, para investigar as raízes de sua alimentação e, assim, algumas da nossa. Preparava, então, uma obra, a monu-

mental "HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL", e havia que levantar, nos próprios terrenos, o acervo da contribuição africana no contexto da alimentação brasileira. Dessa viagem, também, resultou um dos seus livros mais deliciosos o "MADE IN ÁFRICA", livro de redescoberta da África Negra Portuguesa, África já conhecida e revelada na sua história, na sua etnia; na sua psicologia, na sua religião, pelos livros e pelas viagens, mas tornada viva e palpável pela comunicação direta.

É praticamente impossível, pelas proporções da obra, tentar noções avulsas dessa "HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL", tal o encadeamento de sua temática, científica e descritiva, baseando-se em documentos e depoimentos de épocas diversas, inclusive textos literários e poéticos, como os de Gil Vicente, quando alude à cozinha portuguesa, ou seja à "EMENTA PORTUGUESA", e em informes diretos e testemunhos pessoais, eis uma enciclopédia no seu gênero, certamente o estudo mais completo de quantos já se realizaram em nosso país sobre a matéria. Aliás, já em 1964, publicação do Museu de Angola, a sua plaquete "A COZINHA AFRICANA NO BRASIL" anunciava, por assim dizer, a obra completa posterior.

No setor da etnografia, contudo, Cascudo aborda muitas áreas identicamente complexas e envolvendo imediatos interesses humanos. "JANGADA", "JANGADA", "JANGADEIROS", "REDE DE DORMIR", "SUPERSTIÇÕES E COSTUMES", "PRELÚDIO DA CACHAÇA", "A VAQUEJADA NORDESTINA", "CIVILIZAÇÃO E CULTURA", HISTÓRIA DOS NOSSOS GESTOS" contêm elementos históricos, sociológicos e antropológicos substanciais, a que não faltam, nos dois primeiros, toques da mais generosa emoção.

Da provocação de um outro tema eminentemente etnográfico, não poderia ter escapado Mestre Cascudo, dono e senhor de tantas artes e instrumentos. Sua mentalidade sempre se caracterizou, não por visões unilaterais, mas por visões espectrais das coisas. E eis "MELEAGRO", com o estudo dos mistérios do Catimbó, da Macumba, do Candomblé. A teoria e a prática, a crença e o ritual, todos os processos em que se misturam mitos, credências e feitiços de religiões negras, amerabas, mesmo européias, a exercerem fascínios permanentes por todas as estruturas sociais, mesmo quando lhes negam submissões de influências.

O "no creo en brujerías, pero que las hay, las hay", como dizem os espanhóis, continua um desses conceitos aparentemente simples e superficiais, mas de profundidade secreta comprovada, naquelas horas ou instantes premonitórios em que o homem se vê sozinho consigo mesmo, perplexo ou temeroso, a buscar tanto a explicação



de certos fenômenos com a ajuda de não importa que forças invisíveis ou sobrenaturais em relação às pobres e muitas vezes inconfessáveis fraquezas da espécie. O primitivo permanece no atual e no científico. Daí a afirmação do sábio professor SILVA MELO, no prefácio à obra, de como a própria medicina "AINDA ANDA IMPREGNADA DE MAGIA, QUE FOI A SUA FORMA MAIS PRIMITIVA E PERIGOSA".

Do historiador, contam-se incursões em temas naturalmente nacionais ou regionais: - "A INTENCIONALIDADE DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL", "O MAIS ANTIGO MARCO DE POSSE", "O CONDE D'EU", "O MARQUÊS DE OLINDA E SEU TEMPO", "GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS" (GEOGRAFIA AO MESMO TEMPO QUE HISTÓRIA). Episódios da presença holandesa encontram-se, também, esparsos em outras obras, como "HISTÓRIAS QUE O TEMPO LEVA".

Seus estudos de historiador inclinam-se, porém, na maioria das realizações, para a sua própria terra Norte-Rio-Grandense, que não lhe guarda segredos, desde as raízes indígenas e pré-cabralinas, e são, por exemplo, "GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE", "HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL", "HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE", "NOMES DA TERRA". Honras sejam dadas, a esta altura, ao ex-prefeito de Natal, e depois Governador do Estado, SYLVIO PEDROZA, que lhe outorgou, por Decreto, o título de "HISTORIADOR OFICIAL DA CAPITAL NORTE-RIOGRANDENSE".

Reunidos, também, em livros, ou seja "O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS", aí estão textos imperecíveis de sua "ACTAS DIURNAS", publicados anteriormente em órgãos da imprensa do Estado, como já acentuei.

Cascudo não se filia nem depende de escolas folclóricas: criou os termos de sua disciplina por convicções e experiências próprias, nos roteiros e nas sistematizações. Não as despreza, porém, na compreensão do que representam no longo caminho percorrido por mestres universais, ou às vezes anônimos, da matéria, com as adaptações devidas, no tempo e no espaço. Mais, talvez, do que nos livros, ele começou a aprender o folclore, menino ainda, nos sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba, ouvindo, por exemplo, "ESTÓRIAS" de vaqueiros e cantadores, assim em verso e prosa. Esse mundo maravilhoso, que povoou a juventude, provinha, muitas vezes, por caminhos incaptáveis, de terras e mares distantes, núcleos de culturas milenares, através de transplantações, enxertos e sedimentações que iam, ou vão, além da própria memória da raça ou da espécie.



O mestre Cascudo em sua biblioteca.

Quando começou a estudar esses assuntos nos livros, e a comparar e a realizar a sua obra, o folclore havia laureado mais um dos seus doutores. Os livros que, nesse setor, escreveu e publicou, "VAQUEIROS E CANTADORES", "GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS", "ANÚBIS E OUTROS ENSAIOS", "LITERATURA ORAL", "FOLCLORE DO BRASIL", "DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO", mostram o seu trabalho magistral e tenaz, de proposição, de articulação, de vinculação de fios partidos ou desviados de aproximações de situações e atitudes, de similitude de costumes e reações, de identidade sob determinados ideários, definindo, no local e na regional, o universal, isto é, a essência perene do homem e seu substrato natural e comum de instinto e espírito.

Se "LITERATURA ORAL" e "FOLCLORE DO BRASIL" são livros-chaves do folclore brasileiro, poder-se-á dizer do "DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO" que é um resumo do próprio Mestre Cascudo, nos seus prismas fundamentais de estudo do social e do popular. Repetiria aqui, assim, o que foi escrito na "VIA-GEM AO UNIVERSO DE CÂMARA

CASCUDO": "Este dicionário é, na Bibliografia Cascudiana, a sua SUMA, no sentindo tomístico escolástico, do termo. O livro, com L maiúsculo. O SEU livro completo e insubstituível, definindo-lhe, acima de todos os outros, a personalidade e a obra, se dos seus cento e tantos volumes, fosse preciso selecionar e escolher apenas um. Nele desaguam todas as suas correntes de estudo e conhecimento, densas e longas pelo tempo e pelo esforço de sintetizar e classificar, aquele esforço paciente que os latinos resumiam na frase LIMAE LABOR ET MORA, e dele partem as lições de sua sabedoria e de sua experiência, no entanto claras, racionais, funcionais". E ainda: "Chamada geral de suas reservas de conhecimentos, ordenação de tudo quanto, na matéria, a sensibilidade pressentiu, a inteligência captou e a memória reteve, na observação dos homens, dos fatos, dos costumes, das coisas, ou na meditação das leituras, dos testemunhos, dos documentos, nas viagens pelo mundo ou em torno de seu quarto, experimenta-se ao contacto do "Dicionário", flagrante e direta, e todos propósito, a exegese do espírito lúcido e investigador". O nosso de Cuvier afinal, com o qual se recomporia, se reconstituiria todo o esqueleto".



Dois outros livros "COISAS QUE O POVO DIZ", e "LOCUÇÕES TRADICIONAIS DO BRASIL" completam e ampliam o trabalho anterior. É uma nova e longa série de expressões e ditos populares<sup>485</sup>, "EM PLENO SERVIÇO NA FRASEOLOGIA NACIONAL, COM O MÉRITO DA LEGITIMIDADE E A DESCULPA DA BOA INTENÇÃO, QUE SATISFARIA MONTAIGNE". Também organizou antologias do gênero, e no grupo se destacam a "ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO", os "CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL", "CINCO LIVROS DO POVO" e "TRINTA ESTÓRIAS BRASILEIRAS". Estudou e comentou, por outro lado, "FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL", de Melo Moraes, "FOLCLORE DO BRASIL", de Silvio Romero, "OS MELHORES CONTOS POPULARES DE PORTUGAL", "DOM QUIXOTE NO FOLCLORE DO BRASIL" e História dos nossos gestos.

Observador e registrador infatigável do comportamento de seu povo, Cascudo construiu livros inteiros demonstrando as influências estrangeiras organicamente justapostas aos costumes e usos brasileiros, neste ou naquele nível social, urbano ou rural, sobretudo popular. "DANTE ALIGHIERI E A TRADIÇÃO POPULAR NO BRASIL", estudo notável pelas conotações surpreendentes denunciadas pela suas pesquisas e "MOUROS, FRANCESES E JUDEUS" incluem-se nessa categoria. Mas a sua tradução e o comentário do capítulo "DOS CANIBAIS", dos "ESSAIS" de Montaigne, possuem uma significação especial: explicam e divulgam a presença do indígena brasileiro nessa obra francesa do século XVI, de relevo universal.

"ROMANCE DE COSTUMES", eis como Cascudo subintitula um dos seus livros, o "CANTO DE MURO". Ao nos referirmos a este volume, vale citar, logo de início, uma frase do

eminente biólogo francês Jean Rostand: "A CABEÇA DOS HOMENS FOI FEITA PARA CHOCAR-SE CONTRA MUROS ATRÁS DOS QUAIS NÃO SE PASSA NADA". A indagação de um poeta, também francês, Jean Tardieu, abre, no entanto, perspectivas novas ao problema: "ACONTECENDO QUE EXISTIA UM MURO, QUE É QUE SE PASSA ATRÁS DELE? No caso, não é atrás de um muro que se passam as coisas narradas por Cascudo, mas sim num canto de muro, verídico e existente nas suas linhas gerais, embora as transposições de situações que o autor, rotulando-se inesperadamente romancista, se permite a liberdade de efetuar, como atributo e privilégio dos ficcionistas.

Konrad Lorenz, sábio professor austríaco, acusa: "É impossível fazer uma idéia da quantidade de erros que as histórias de animais escritas por pessoas sem consciência, são capazes de divulgar entre os leitores, e particularmente, entre os jovens que se afeiçoam aos animais". "CANTO DE MURO" não é uma história de animais, antes episódios de vidas animais armadas com engenho e arte, com dados e elementos fornecidos pela própria observação, sem preocupação doutrinária e científicas além do respeito à verdade de cada um. É uma pequena comédia (sentido balzaqueano) animal, que Cascudo fixa e levanta, tendo como personagens escorpiões, aranhas da terra, aranhas d'água, sapos, corujas, ratazanas, lagartixas, baratas, grilos, gatos e outros bichos dir-se-iam domésticos.

Nascido em Natal, a 30 de dezembro de 1898, e morto na mesma cidade a 30 de julho de 1986, aos oitenta e oito anos, de seu desaparecimento bem posso ainda repetir o que já por mais de uma vez acentuei que com a sua morte, perdemos o mago, o feiticeiro de nossa tribo norte-riograndense, guardião, oráculo e intérprete dos mistérios e dos segredos

do cotidiano coletivo, primitivo, rural, cidadão, regional, universal, nas suas relações milenares homem-espaço-tempo-circunstâncias. Sua obra permanece viva e atuante, una e plural, rosa dos ventos, soma e estuário, ilha e arquipélago, aldeia e continente ou aldeia global.

Mestre Luis da Câmara Cascudo era um livro, são muito livros, mas que uma simples criatura da espécie, - embora aquele "leite da ternura humana", de que fala o clássico inglês por excelência, nunca houvesse deixado de constituir-se um traço particular de sua qualidade, do seu temperamento, da sua sensibilidade, do seu caráter. Foi sempre um homem bom, solidário, generoso.

- Morrem os mitos, os gestos, as linguagens tradicionais, os costumes, as superstições, os destinos, o sentido visível e invisível das coisas e dos fatos? Foi dessa temática e de temáticas outras, muitas outras, das ciências do homem, que envolvem a aventura dos povos e dos séculos, que Cascudo se ocupou, durante o seu longo itinerário terrestre, "vendo, tratando, pelejando", como no canto do épico português.

O Brasil não pode pôr de lado; o Brasil não pode esquecer a grandeza de um homem que dedicou toda a sua longa existência ao estudo das nossas raízes e da nossa formação, do nosso desenvolvimento, das influências recebidas e das projeções da nossa condição histórica, social e humana. à sua amada província natal.

Daí porque magnificamente se justifica a indagação perplexa do escritor norte-riograndense OSVALDO LAMARTINE em carta ao jornalista Woden Madruga:

- "E agora, sem Cascudo, a quem a gente vai perguntar as coisas?"

Natal, maio 1994.

- AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

- Américo de Oliveira é escritor, professor da UFRN e membro da Academia Norte-Riograndense de letras e do Instituto Histórico e Geográfico da RN.

## LUIS DA CÂMARA CASCUDO: UNA VISIÓN DE LA VIDA Y DE LA OBRA

El presente trabajo procura dar una visión a la vez resumida y amplia de la vida y de la obra de Luis da Câmara Cascudo. El hombre Cascudo, nacido en Natal Rio Grande do Norte, Brasil, a los 30 de diciembre de 1898 y fallecido en esa misma ciudad, día 30 de julio de 1986 a los ochenta y ocho años, fué, como hombre un: "Povinciano Incurable" y a la vez, por sus trabajos y pesquisas, "Un Ciudadano del Mundo".

La obra de Cascudo - universal - muestra la multiplicidad de sus trabajos. Escribió alrededor de cento y cuarenta libros, plaquetas, etc., que revelan del antropólogo al historiador, del etnógrafo al folklorista, del profesor al pesquisador, del periodista al memorialista y al musicólogo, trabajos que amanujan y concluyen la matéria escrita por el autor del libro "VIAJE AL UNIVERSO DE CÂMARA CASCUDO": Américo de Oliveira Costa.



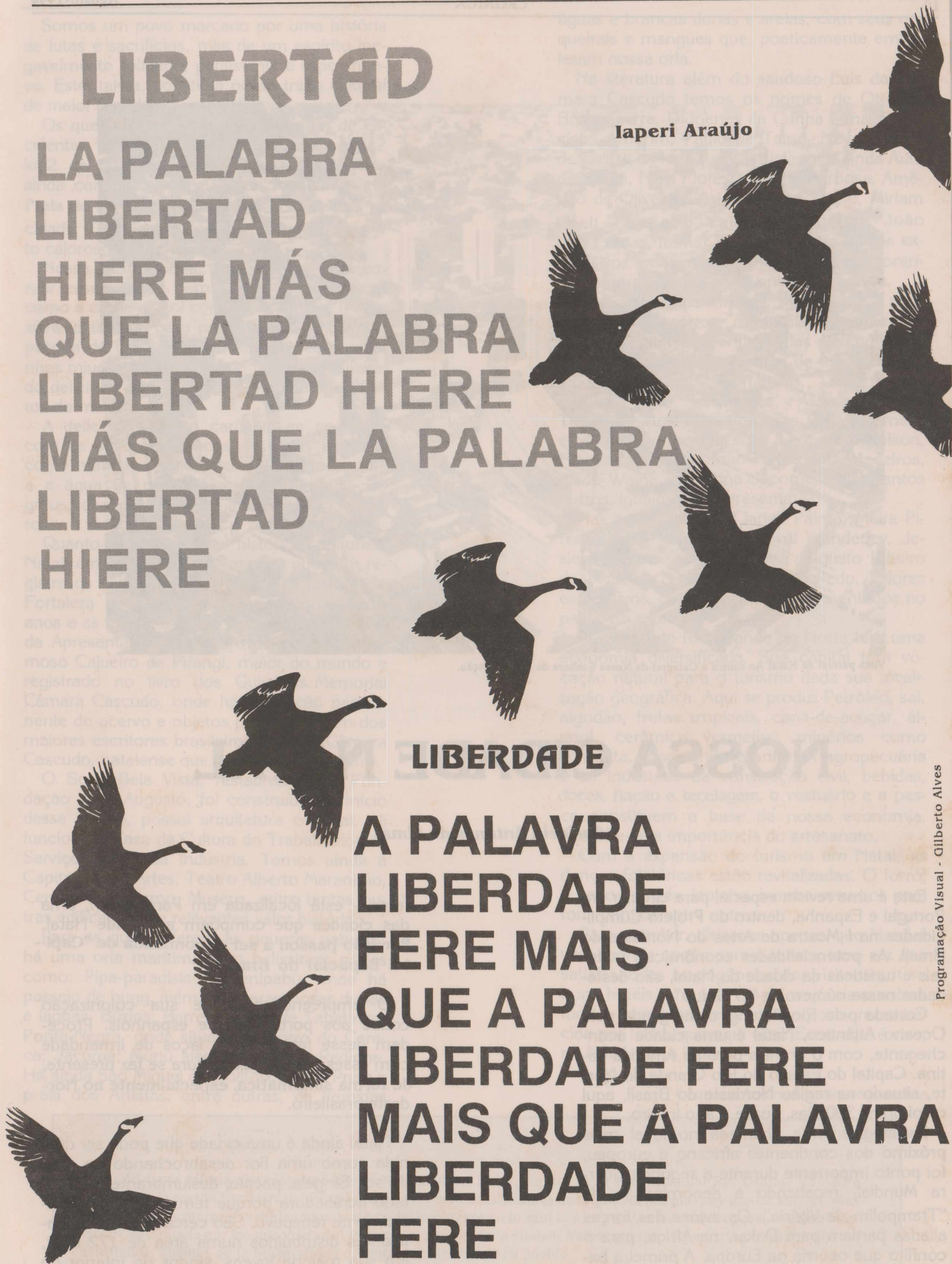
# LIBERTAD

LA PALABRA  
LIBERTAD  
HIERE MÁS  
QUE LA PALABRA  
LIBERTAD HIERE  
MÁS QUE LA PALABRA  
LIBERTAD  
HIERE

Iaperi Araújo

# LIBERDADE

A PALAVRA  
LIBERDADE  
FERE MAIS  
QUE A PALAVRA  
LIBERDADE FERE  
MAIS QUE A PALAVRA  
LIBERDADE  
FERE







Vista parcial de Natal Ao centro a Catedral de Nossa Senhora da Apresentação.

# NOSSA CIDADE NATAL

*\* Auricélia Antunes de Lima*

Esta é uma revista especial para circular em Portugal e Espanha, dentro do Projeto Cumplididades na I Mostra de Artes do Nordeste do Brasil. As potencialidades econômicas, culturais e turísticas da cidade do Natal, são destacadas nesse número de "O GALO".

Cortada pelo Rio Potengi e margeada pelo Oceano Atlântico, Natal é uma cidade acolhedora, com o ar mais puro da América Latina. Capital do Estado do Rio Grande do Norte, situado na região Nordeste do Brasil, aqui o sol brilha 300 dias, quase o ano inteiro.

Estrategicamente chantada no local mais próximo dos continentes africano e europeu, foi ponto importante durante a segunda Guerra Mundial, recebendo a denominação de "Trampolim da Vitória". Os aviões das forças aliadas partiam para Dakar, na África, para o conflito que ocorria na Europa. A primeira base espacial da América do Sul - Barreira do In-

ferno - está localizada em Parnamirim, uma das cidades que compõem a Grande Natal. Por isso passou a ser denominada de "Capital Espacial do Brasil".

O empreendimento de sua colonização coube aos portugueses e espanhóis. Procedem desse fato, nossos laços de irmandade com esses povos, cuja cultura se faz presente, de forma sintomática, especialmente no Nordeste brasileiro.

Natal ainda é uma cidade que pode ser definida como uma flor desabrochando ao raiar do sol. Singela, pacata, deslumbrante e sobretudo acolhedora porque tem um povo essencialmente receptivo. São cerca de 800 mil habitantes distribuídos numa área de 172 km<sup>2</sup>, em sua maioria jovens, vindos do interior do estado.



Somos um povo marcado por uma história de lutas e sacrifícios, mas de um espírito inegavelmente solidário, persistente e esperançoso. Este, talvez, constitua nosso traço cultural de maior grandeza humanitária.

Os que nos visitam podem desfrutar de excelentes hotéis na Via Costeira, onde há 12 km<sup>2</sup> de dunas naturais preservadas. Conta ainda com pousadas e hotéis localizados na Praia de Ponta Negra e em diversos locais da cidade. Tudo isso é complementado pelo afeto caloroso e amigo do seu povo.

Nossa gastronomia, sem dúvida, vem coarçar esse arsenal com suas comidas típicas como a carne de sol com feijão verde e macaxeira; a tapioca com peixe frito, a feijoada, a paçoca de pilão, a ginga (tapioca com peixinhos miudos fritos), além do peixe à brasileira, do delicioso caldo de ostras e dos demais frutos-do-mar.

A delícia do nosso cardápio se completa com os saborosos sucos de frutas tropicais como mangaba, cajú, maracujá, manga, cajá e a água de coco. Temperatura média 28 graus, ideal para se curtir a cidade o ano inteiro.

Quanto aos aspectos históricos-culturais, Natal tem preservado seu acervo, que bem registra os valores e fatos da nossa história. A Fortaleza dos Reis Magos, com quase 500 anos e as Igrejas do Galo e de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira da cidade. O famoso Cajueiro de Pirangi, maior do mundo e registrado no livro dos Guinness. Memorial Câmara Cascudo, onde há exposição permanente do acervo e objetos pessoais de um dos maiores escritores brasileiros, Luis da Câmara Cascudo, natalense que tanto amou sua terra.

O Solar Bela Vista, restaurado pela Fundação José Augusto, foi construído no início desse século, possui arquitetura colonial. Ali funciona a Casa da Cultura do Trabalhador do Serviço Social da Indústria. Temos ainda a Capitania das Artes, Teatro Alberto Maranhão, Centro de Turismo, Museus, entre tantas outras edificações de relevantes valor histórico.

Para os que preferem as riquezas naturais, há uma orla marítima com belíssimas praias como: Pipa-paradisiaca; Genipabú, onde há passeio de bugg, além das maravilhosas dunas e lagoas. Búzios; Barreta, Barra de Tabatinga, Ponta-Negra, onde situa-se o Morro do Careca; Jacumã; Muriú além da poética Redinha. Há ainda São Miguel do Gostoso; Areia Preta e praia dos Artistas, entre outras, de límpidas

águas e brancas dunas e areias, com seus coqueirais e mangues que, poeticamente embelezam nossa orla.

Na literatura além do saudoso Luis da Câmara Cascudo temos os nomes de Otto de Brito Guerra, Diógenes da Cunha Lima, Francisco Amorim, Paulo de Tarso, Ney Leandro de Castro e Henrique Castriciano e ainda Auta de Souza, Nísia Floresta, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Vicente Serejo, Miriam Coell, Elí Celso, Palmira Wanderley, João Lins Caldas, Itamar de Souza, entre outros expressivos nomes que em suas áreas, contribuem para a projeção da cultura brasileira.

Nas artes plásticas os movimentos neo-clássicos, primitivos, modernistas, regionalistas, impressionistas enfim todas as tendências são representadas nas obras de Iaperi Araújo, Vicente Vitoriano, Demétrios, Dorian Gray Caldas, Túlio Fernandes, Assis Marinho, Tomé, Newton Navarro, Zaíra Caldas, Amélia e ainda: Jomar Jacson, Leopoldo Nelson, Fernando Gurgel, João Natal, Jota Medeiros, Madê Waine e Cristina Jácome, entre tantos outros, igualmente representativos.

Nas artes cênicas: Clarice Palma, Meira Pires, Racine Santos, Sandoval Wanderley, Jesiel Figueiredo e no cinema Augusto Ribeiro de Medeiros e Hermano Figueiredo, valores expressivos, com trabalhos já apresentados no país e no exterior.

O estado do Rio Grande do Norte tem uma economia diversificada. Sua capital tem vocação natural para o turismo dada sua localização geográfica. Aqui se produz Petróleo, sal, algodão, frutas tropicais, cana-de-acúcar, álcool, cerâmica vermelha, minérios como scheelita, tungstênio, granito. A agropecuária e as indústrias da construção civil, bebidas, doces, flação e tecelagem, o vestuário e a pesca constituem a base de nossa economia. Ressalte-se a importância do artesanato.

Com a expansão do turismo em Natal, as danças folclóricas estão revitalizadas. O forró, o coco-de-roda, lapinha, bumba-meu-boi, pastoril, congos entre outras.

Para concluir, diríamos apenas que Natal é uma grande opção para o turista, uma vez que satisfaz todas as exigências dos visitantes: tem bons hotéis, um mar e sol invejáveis e sobretudo a hospitalidade do nosso povo, reconhecida por todos que aqui vêm. Estar aqui é viver no Natal o ano inteiro.

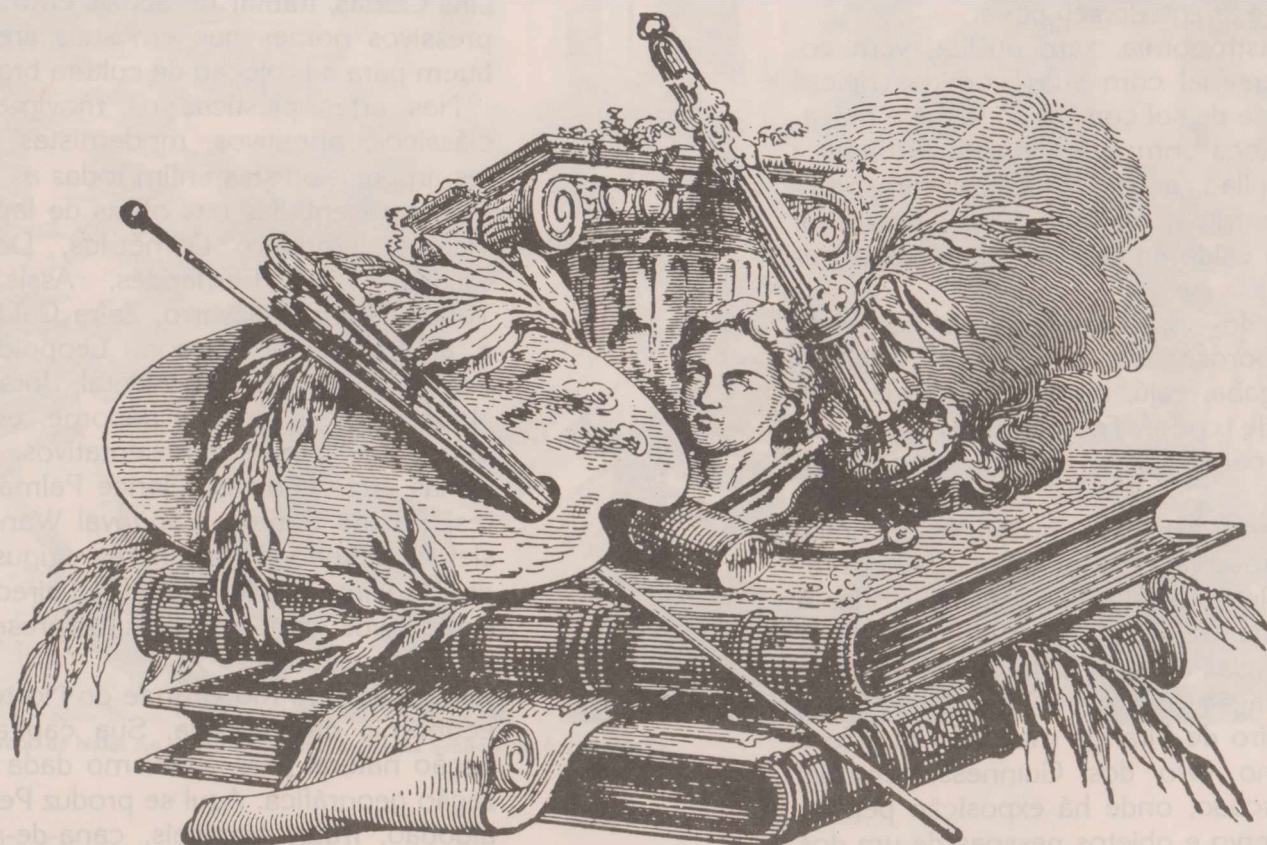
\* Auricéia Antunes de Lima é jornalista

#### Nuestra ciudad Natal

El texto retrata diversos aspectos de la ciudad del Natal, capital de la Provincia del Rio Grande do Norte ubicada en la región Nordeste del Brasil. Resalta las bellezas naturales de la ciudad; sus playas y dunas, sus comidas típicas, sus cocoteros y mangles además de su deslumbrante cielo azul con una de las más bellas puestas-de-sol, del Brasil, disfrutada por los que visitan el Potengi, río que baña la ciudad. Valores culturales e históricos son también resaltados, además de la hospitalidad espontánea, sincera de su pueblo.



# Ficção e História no Regionalismo Brasileiro



EDUARDO DE ASSIS DUARTE

Pensar o regionalismo tem significado, já há algum tempo, pensá-lo enquanto formulação estética cujo desenvolvimento se marca necessariamente pela tentativa de configuração, através das diversas manifestações artísticas, de uma identidade que sirva de rosto (ou de emblema) para determinado estado ou região do país. Logo, pensá-lo deste modo implica em pensá-lo na condição de fenômeno que, apesar de possuir uma historicidade própria, ligada à história das formas, imbrica-se de modo inequívoco com a nossa história social e política. Esse duplo viés de leitura permite compreender melhor os diversos ciclos da produção regionalista, bem como um certo refluxo dessa produção nas últimas décadas, sobre tudo em termos literários.

O enfoque, quase sempre valorativo, das peculiaridades específicas das regiões - acidentes naturais, tipos físicos, costumes, tradições, atividades econômicas, sociais, políticas ou religiosas - dá o perfil das origens do discurso regionalista na literatura brasileira. Daí existir um entendimento em nossa historiografia literária de que estas origens passam necessariamente por José de Alencar, apesar de estar este mais voltado para o nacional do que para o regional.

O projeto alencarino liga-se ao afã de exhibir o

país como uma totalidade conformada pela soma das diversas regiões. O autor de *Iracema* se faz paladino do sentimento de brasilidade, no intuito romântico de despertar nos leitores o vínculo afetivo com o torrão natal. Nessa postura tão patriótica quanto messiânica, Alencar, sobretudo quando fala dos rincões e desertos verdes, exhibe o Brasil como coisa sua, quase do mesmo modo como um grande proprietário daqueles tempos discorria sobre seus domínios. O autor toma para si a terra e nela se projeta. Do *Gaúcho* dos pampas ao *Sertanejo* nordestino, assistimos à relativização das diferenças e ao desvanecimento dos conflitos para que a terra surja como um retrato multifacetado, mas quase sempre harmonioso.

Isso ocorre porque Alencar escreve sem nunca deixar de lado a perspectiva de classe que enforma sua visão do país. Via de regra seu texto traduz o ponto de vista dos detentores do poder, empenhados em reproduzir o discurso partiarcal herdado dos colonizadores. Em *O sertanejo*, por exemplo, toda valentia e independência de Arnaldo combinam-se com a velha submissão ao dono da terra. Dirigindo-se a este, o vaqueiro chega a afirmar:





José de Alencar autor de Iracema

Minha vida lhe pertence, é dispor dela como aprouver.<sup>1</sup>

No que toca às mulheres, recebem estas o mesmo tratamento laudatório e paternal:

São assim as filhas do sertão: *eu ainda as conheci - de tempos bem próximos àqueles*: suas tradições recentes ainda embalaram o meu berço. Esposas carinhosas e submissas, filhas meigas e tímidas, no interior da casa e no seio da família, quando era preciso davam exemplo de uma bravura e arrojo que subiam ao heroísmo.<sup>2</sup>

No trecho acima, discurso conservador, zeloso da tradição patriarcal, vê-se reforçado pelo testemunho ocular do narrador, que traça um paralelo entre o tempo ficcional e o tempo biográfico. Esse estratagema é uma das marcas do romance alencarino, sempre pronto a abrigar as constantes interferências da autoridade autoral, aí incluídas as alusões ao universo factual que lastreia o texto. Há o intuito de encobrir a ficção com um certo tom de relato histórico, para o qual se transporia a realidade sem retoques daquela região e de seu povo. O mesmo se dá em *O Gaúcho*, texto onde a descrição da paisagem se confunde com a descrição histórica, e os componentes do objeto livro metaforizam uma possível verdade dos acontecimentos:

Estas vastas campinas, que se desdobram pelas abas da coxilha grande, São como as páginas de um capítulo da história do Brasil.

O dorso da coxilha é o *lombo* do livro; as folhas espalmam-se de um a outro lado. Aí *escreveram* as armas brasileiras muita coisa de admirável: grande feitos, combates gloriosos, brilhantes painéis em rude tela.<sup>3</sup>

É a partir de exemplos como este que Alencar, "patriarca do romance brasileiro", faz-se guardião das tradições e de um suposto passado de glória apto, segundo ele, a alicerçar o edifício da nacionalidade.

Pensando um pouco adiante e situando o problema no campo da história das formas, parece não haver dúvidas quanto aos liames existentes entre o regionalismo do período realista-naturalista e a ficcionalização da nacionalidade, dominante no período que o precedeu. Se tomarmos um autor como Franklin Távora, autoproclamado fundador da "Literatura do Norte", veremos sobressair, por baixo da ferrenha oposição a Alencar e a toda a idealização romântica, um importante ponto de convergência entre ambos.

Parece haver nesses dois escritores um apego ao elemento nacional, tomado como entidade estática constituída a partir da oposição a tudo o que vem de fora. Em seu prefácio a *Sonhos D'Ouro*, Alencar reverbera contra a colonização cultural e culpa a "luz da civilização" pelas alterações na "cor local" e na "pureza original" e "sem mescla" das tradições, dos costumes e da linguagem brasileira. Seu discurso não deixa de exprimir uma certa nostalgia pela qual se valoriza os "recantos que guardam intacto, ou quase, o passado".<sup>4</sup>

Em sua carta introdutória a *O Cabeleira*, Franklin Távora caminha na mesma direção, tomando entretanto um viés mais regionalista e estreito que seu conterrâneo. Távora proclama as diferenças, inclusive políticas, entre Norte e Sul: "cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro". E prossegue afirmando que "é no Norte que abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra". Isto porque "o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro".<sup>5</sup>

Assim, tanto o Alencar de 1872, quanto seu polêmico rival de 1876 se encontram na mesma encruzilhada que vê o progresso como uma ameaça à integridade e a uma pretensa pureza da literatura nacional. Parece inegável que esta convergência de opostos tem como pano de fundo o processo de modernização capitalista por que passa o país a partir de 1870, seja no plano eminentemente sócio-econômico - cujo símbolo maior é a chegada das estradas de ferro - seja no plano das idéias, com o cientificismo da Escola de Recife.

A literatura "filha da terra", defendida por Franklin Távora, é apegada ao passado e à tradição no sentido romântico do termo: heróis, costumes, lendas, poesia. É apegada igualmente a um certo gosto pelo exagero e pelo grotesco que também deita raízes no exótico de origem romântica, quando não opta pelo dado chocante, tão ao gosto do naturalismo. Com algumas variações, essa será a tônica dos regionalistas das últimas décadas do século XIX e início do século XX. E, quase sempre,



o leitor se depara com formulações emblemáticas voltadas para a construção de uma identidade regional, como se constata na célebre afirmação de Euclides da Cunha de que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte".

No entanto, será na década de 1920 que o discurso de apologia da região e de suas raízes ganhará maior consistência e ressonância, a partir do grupo regionalista de Pernambuco. Em 1923, Gilberto Freyre critica fortemente o Modernismo, aconselha a juventude de São Paulo a "ler os clássicos" e ressalta o gosto pela antiguidade e pela tradição, num claro confronto com o "ridículo do atual futurismo dos rapazes de São Paulo".<sup>6</sup> Em seu estudo a respeito da questão, o crítico Neroaldo Pontes de Azevedo assinala que esse apego saudosista ao passado tinha origem na "fase de estagnação ou mesmo de recesso" da economia açucareira. E acrescenta:

A recessão na vida econômica de Pernambuco compunha bem a moldura para o quadro de defesa dos valores regionais, quer numa atitude de auto-comiseração, quer numa atitude reivindicatória, tendentes ambas a ver no passado da região, marcado pela prevalência dos valores da vida rural em oposição à vida urbana, o ideal que desaparecia e que urgia restaurar.<sup>7</sup>

Essa postura saudosista, que também podemos detectar obras de José Lins do Rego e Jorge de Lima, por exemplo, marca toda a ação do grupo: as atividades do Centro Regionalista do Nordeste, suas publicações e o próprio Congresso Regionalista realizado em 1926. Daí a defesa de uma "comunhão regional" visando resga-



tar não só o patrimônio histórico e artístico da região, com seus monumentos e edifícios antigos, mas também enfatizar a culinária herdada dos tempos da colônia e cultivada como fator de identidade e diferença cultural.

No campo literário, a obra de Jorge Amado - hoje o mais famoso dentre os regionalistas - encarna em sua fase pós-*Gabriela* esse elemento culinário como verdadeira peça de louvação das virtudes baianas. O leitor se regala com os quitutes de Gabriela, as muquecas, sarapatéis e carurus de Dona Flor, complacente com a erotização explícita da comida, que remonta ao regaço das antigas casas-grandes. A obra de Amado, que em sua fase social-engajada, possui um certo foro de universalidade, advindo da assunção do ponto de vista do oprimido e da edificação pela literatura de uma pré-consciência revolucionária, depois que seu autor se distancia do comunismo, volta-se cada vez mais para a exaltação da baianidade, e apela ao exótico como verdadeira fórmula literária.

Do outro lado da vertente regionalista, que apesar de não ter a força dos anos 30, permanece ainda hoje viva, produtiva e bem aceita pelo público (veja-se, por exemplo, o mais novo romance de Rachel de Queiroz), pulsam as obras de dois grandes marcos da literatura brasileira: Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Ambos mantêm um diálogo dos mais complexos com elementos regionais e populares e ambos superam em larga medida o regionalismo.

Em 1925, no auge da pregação de Gilberto Freyre e seu grupo, Mário publica no *Jornal do Comércio* de Recife um artigo em que faz a defesa da brasilidade modernista e critica o regionalismo, chegando a afirmar



Escritor Guimarães Rosa



que era preciso colocar uma placa na porta do país com os dizeres "Precisa-se de brasileiros". E prossegue:

O Brasil tem de tudo: secas cearenses, praga do café, lepra, política, barbeiro, patriotas(?), mulheres bonitas, baía de Guanabara, revoluções que não conseguem nunca vencer e o Amazonas. Tem até poetas, meu Deus! Só o que o Brasil não tem é brasileiros. (...) É na variabilidade surpreendida de nossas reações psicológicas que buscamos surpreender o brasileiro. E este aparecerá. Na língua, no amor, na sociedade, na tradição, na arte nós realizaremos o brasileiro. Todo sacrifício por este ideal é bonito e não será em vão. Deixaremos de ser estaduais pra sermos nacionais enfim.<sup>8</sup>

O texto de Mário constitui-se não apenas enquanto peça de combate ao grupo regionalista, mas contém elementos de um programa de ação. Nesse sentido, antecipa o que logo em seguida veremos concretizado em *Macunaíma*. O curioso é que Mário percorre o Norte, o Nordeste, Minas Gerais, o interior de São Paulo, sem render-se ao espírito bairrista ou reverenciar as tradições de uma forma acrítica. Sua "missão" é integradora e, ao mesmo tempo, de transformação. Negando-se a fazer o simples registro, Mário capta o modo de criar do cantador nordestino, para dialogar com ele e integrá-lo a seu próprio processo construtivo. *Macunaíma* é exemplo disso e de muito mais. Na figura compósita do "herói da nossa gente" quis o escritor simbolizar a multiplicidade do brasileiro, branco, preto, índio, católico, espírita, macumbeiro. *Macunaíma* quebra a univocidade do retrato, substituída pela onipresença da contradição e da ambigüidade. Essa "variabilidade psicológica" aponta para a crise da noção de sujeito no mundo moderno e abre caminho para Guimarães Rosa fazer da travessia de Riobaldo busca e construção da identidade.

Como *Macunaíma*, o personagem de *Grande Sertão: Veredas* inscreve a reversão e o abalo sofridos na modernidade pela imagem de um *eu* masculino todo poderoso. A metamorfose de nomes e atitudes e, mais que isso, o amor por Diadorim fazem de Riobaldo não o emblema do homem sertanejo, mas seu próprio questionamento. Fracionado e vacilante, Riobaldo dramatiza o ser prisioneiro da dúvida e privado do livre arbítrio. E o mais importante é que o narrador do *Grande Sertão* traz para a linguagem essa angústia do ser e constrói um discurso de categorias indecidíveis, onde tudo é e não é, tudo pode e não pode ser.

Guimarães Rosa abala a pureza e rasura a transparência do regionalismo anterior, ancorado na *mimesis*. Em seu texto, o sertão está em todo lugar e a literatura se quer mais próxima da *estória* do que da História. Nos rumos do universal. Impossível não ver a distância quase desértica entre sua escrita e a dos regionalistas contemporâneos. Alguns tropeçaram ao tentar atravessar essa distância e caíram inapelavelmente na diluição. Todavia, isto não significa que Guimarães Rosa tenha colocado um ponto final no romance regionalista. Penso que esse romance voltará sempre, expressando a ânsia nada regional do eterno retorno da origem.

1. José de Alencar, *O Sertanejo*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, Coleção Clássicos Brasileiros, s/d, p. 107.
2. Idem, *ibidem*, p. 172.
3. Idem, *O Galcho*. S. Paulo, ética, 1978, p. 86, grifos nossos.
4. Idem, *Sonhos D'Ouro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
5. Franklin Távora, prefácio a *O Cabeleira*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
6. Gilberto Freyre, Diário de Pernambuco, artigo de número "34", APUD Neroaldo Pontes de Azevêdo, *Modernismos e REGIONALISMO* (Os Anos Vinte em pernambuco). João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984, p. 41.
7. Idem, *ibidem*, p. 99.
8. Mário de Andrade, "Modernismo e Ação", in Neroaldo Pontes de Azevêdo, op. cit., p. 223-225.

## LITERATURA REGIONALISTA BRASILEÑA

El presente texto trata de los principales exponentes de la literatura regionalista brasileña, desde sus primórdios, hasta la contemporaneidad, tomando como eje de reflexión las relaciones entre literatura, história e identidad cultural.

En José de Alencar, fundador del regionalismo brasileño, la ficción se pretende vinculada a la história, en la búsqueda de construir un imagen armónico del Brasil y de los brasileños que pasa necesariamente por la relativización de las diferencias y por el recalque de los conflictos.

El apego "á cor local" y a las tradiciones fundamenta el nacionalismo y una cierta oposición al progreso industrial. Ese aspecto conservador está presente de igual manera en Franklin Távora y en otros regionalistas del final del siglo XIX y comienzos del siglo XX. Gilberto Freire, por ejemplo, promueve verdadera cruzada en favor de las nociones de antigüedad y tradición, contraponiéndose a los modernistas inspirados en los procedimientos estéticos de la vanguardia europea.

Por otro lado, Mário de Andrade, uno de los líderes del movimiento modernista, rechaza el regionalismo y el "bairrismo", se apropiando de las tradiciones de manera a hacer la integración de las mismas críticamente a su proyecto criador. En *MACUNAÍMA* él cuestiona la propia noción de identidad, reflejando la crisis del sujeto en los tiempos modernos, lo mismo ocurriendo con el regionalismo universalista de Guimarães Rosa.



# HISTÓRIA DE UMA PIONEIRA:

## Nísia Floresta

## Brasileira Augusta

Constância Lima Duarte\*

Após anos de silêncio a respeito da produção intelectual feminina, presenciemos hoje um trabalho de resgate da história intelectual e artística da mulher nos séculos passados. Pesquisas recentes revelam a cada dia inúmeros nomes femininos que escreveram poesias, romances, ensaios, peças teatrais ou musicais, e recuperam obras que pareciam resignadas a permanecer em suas primeiras edições, esquecidas em seus séculos e nas cidades em que suas autoras viveram.

Pretendo tratar aqui especificamente de Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma mulher cuja história de vida e produção intelectual colocam-na entre as primeiras escritoras no Brasil. Este nome, melhor, pseudônimo, pertenceu a uma norte-riograndense — Dionísia Gonçalves Pinto — que nasceu em 1810 e que, após residir em diversos Estados brasileiros, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, mudou-se para a Europa onde passou o resto de sua vida. Nísia Floresta morreu em 1885, em Rouen, uma pequena cidade do interior da França.

Num tempo em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia trancafiada em casa, não tinha reconhecido nenhum direito; quando o ditado popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor” e tinha foros de verdade para muitos, justo nesse tempo Nísia Floresta dirigia um colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia livros e mais livros para defender os direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

Nísia Floresta deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E não foram poucas suas colaborações. Eram muitas e a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, de contos, de poesias e de ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. Se lembramos que apenas em 1816 a imprensa chegou ao país, mais se destaca o papel pioneiro que esta brasileira desempenhou no cenário nacional.

Naturalmente — até como não podia deixar de ser — Nísia recebeu em troca o desprezo, a difamação e o esquecimento, principalmente da parte de seus conterrâneos. Sua figura foi envolvida por um manto de mistério em sua terra Natal e durante algumas dezenas de anos não se ouviu falar dela. O pouco que se ouvia estava marcado pelo preconceito, ou impregnado da surpresa de se encontrar, em tempos passados, uma história de vida como a sua e uma obra contendo reflexões tão avançadas para a época. O fato de estar à frente de seu tempo custou-lhe, no mínimo, o não reconhecimento de seu talento. Seu nome não costuma ser citado em nenhuma História da Literatura Brasileira, como escritora romântica e muito menos na História da Educação feminina, como educadora.

Se hoje começa a se tornar um pouco mais conhecida é justamente por esse trabalho que mencionei no início, de resgate e recuperação de autoras e obras do passado. Alguns de seus livros vêm sendo reeditados e suas idéias voltam para lembrar um pouco da sofrida história das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e de sua capacidade intelectual.

Faço uma pequena apresentação de alguns de seus escritos, para que vocês conheçam um pouco mais as diversas vertentes





da militância da autora. O interessante, numa leitura de sua obra, é observar como os textos dialogam entre si, um iluminando o outro, como peças complementares de um mesmo plano de ação prática, qual seja, formar e modificar consciências. E tal plano tinha principalmente um propósito: alterar o quadro ideológico vigente no que diz respeito ao comportamento das mulheres e, naturalmente, o dos homens, seus contemporâneos.

Senão, vejamos: o primeiro livro escrito por Nísia Floresta é também o primeiro que se tem notícia no Brasil que se trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, e que exige que as mulheres sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade. Este livro foi publicado em 1832 em Recife (PE) e tem sugestivo título de **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**. No ano seguinte — 1833 — esse livro teve uma segunda edição e, em 1839, ainda uma terceira, no Rio de Janeiro.

Os **Direitos das Mulheres** de Nísia Floresta foi inspirado no livro de Mary Wollstonecraft, a primeira feminista inglesa: *Vindications of the Rights of Woman*. Só que, ao invés de fazer simplesmente uma tradução, a autora brasileira aponta os principais preconceitos existentes no Brasil contra seu sexo, identifica as causas desse preconceito, ao mesmo tempo em que desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina.

Tais reflexões não encontraram eco entre os contemporâneos e são o testemunho do quanto Nísia Floresta representava de exceção em meio à massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas. Foi esse livro que deu à autora o título de precursora do feminismo no Brasil e, talvez, até mesmo da América Latina, pois não existem registros de textos anteriores realizados com estas intenções.

Em outro livros ela continuará a tratar da temática destacando a importância da educação feminina para a mulher e a sociedade. São eles: *Conselhos à minha Filha*, de 1842; *Opúsculo Humanitário*, de 1833; *A Mulher*, de 1859; além de algumas novelas dedicadas às jovens estudantes de seu colégio. Nesses escritos encontramos desde conselhos de como as meninas deviam se comportar, os deveres esperados de uma filha e histórias de cunho didático-moralista, até minuciosas e ricas explanações acerca da história da condição feminina em diversas civilizações e em diferentes épocas.

Em *Opúsculo Humanitário*, por exemplo, que reúne sessenta e dois artigos sobre a educação já publicados nos principais jornais da corte, Nísia Floresta tece comentários sobre a Ásia, a África, a Oceania, a Europa e a América do Norte, antes de tratar do Brasil e da mulher brasileira, sempre observando a relação existente entre o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso), com o lugar ocupado pela mulher. Nísia, em consonância com intelectuais da época, defende a tese de que progresso de uma sociedade depende da educação que é oferecida à mulher; e que só a instrução, aliada à educação moral, dariam maior dignidade e fariam da mulher uma melhor esposa e melhor mãe. Esses, aliás, seriam precisamente os objetivos da educação das meninas: torná-las conscientes de seus deveres e papéis sociais.

Hoje, preocupações como estas de Nísia Floresta, podem soar, a ouvidos menos atentos, como algo ultrapassado e até reacionário. Apenas, é preciso não perder de vista a repentina valorização da mulher ocorrida em meados do século XIX, a partir mesmo do redimensionamento da maternidade enquanto papel social. Se num momento a presença da mulher era inexpressiva em consequência da rígida estratificação social que privilegiava o masculino; em outro a figura feminina transformava-se em centro das atenções, devido à valorização de sua função biológica exclusiva: a maternidade. Tais alterações tiveram, naturalmente, uma grande repercussão em meio às intelectuais que vislumbraram, aí, a possibilidade de as mulheres adquirirem status e poder diante da opinião pública.

Dissemos que Nísia estava à frente de seu tempo. Também na abordagem de outras questões, como quando trata do índio brasileiro, ela foi precursora. Em um longo poema de 712 versos — intitulado *A Lágrima de um Caeté*, de 1849 — encontramos interessantes posicionamentos da autora a respeito do indígena. Uma rápida leitura do texto permite a identificação de inúmeros elementos marcantes do romantismo como a lusofobia, o elogio



da natureza e a exaltação de valores indígenas. A novidade é que o poema nos traz não a visão do índio-herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos e, sim o ponto-de-vista dos derrotados, do índio vencido consciente e inconformados com a opressão de sua raça pelo branco invasor.

Não cabem, pois, em seu índio, os epítetos de inocente, de puro e de imbuídos daquela "bondade natural", idealizados nas teorias filosóficas européias e adotadas pelos demais escritores brasileiros. O contato com o homem branco revelou-se pernicioso demais para ele (e a história nos mostra) com consequências irreversíveis. A dor do indígena vem precisamente da consciência dessa irreversibilidade e do meio-lugar (ou lugar nenhum) em que se encontra. O discurso da narradora, absolutamente preso ao do índio e às vezes até se confundindo com o dele, acrescenta um dado fundamental: o da perda de identidade por parte do silvícola, que os escritores românticos do período tentavam escamotear.



Dessas viagens resultaram alguns livros que, bem ao gosto da época, contêm suas impressões dos lugares que ia conhecendo. Só que Nísia Floresta não realiza simples relatos de viagem. Ela descreve com riqueza de detalhes as cidades, as igrejas, os museus, os parques, as bibliotecas e monumentos, detendo-se nos tipos humanos e comentando tudo que observava sempre com muita sensibilidade e erudição. *Itinerário de uma Viagem à Alemanha*, de 1857, e *Três anos na Itália*, seguidos de *uma Viagem à Grécia* (em dois volumes, de 1864 e 1872) são os títulos desses livros escritos e publicados em língua francesa. Apenas o primeiro foi traduzido para o português em 1982, depois de mais de cem anos em língua estrangeira; o outro, apesar de considerado por mais de um crítico uma obra-prima, onde ela teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual, continua inédito em língua portuguesa.

No mesmo ano da publicação de *A Lágrima de um Caeté*, Nísia Floresta viajou para a Europa, onde permaneceu vinte e oito anos de sua vida. E, nessa época, no auge da maturidade intelectual, relacionou-se com grandes escritores como Alexandre Herculano, Dumas (pai), Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Manzoni, Azeglio e Auguste Comte, viajando durante anos seguidos pela Itália, Portugal, Alemanha, Bélgica, Grécia, França e Inglaterra.

*Três anos na Itália* é interessante porque contém anotações do ano anterior à unificação italiana, a descrição da luta, dos

sentimentos populares, do clima revolucionário e ainda nos revela a admiração da autora pelos líderes, Garibaldi e Azeglio, com quem se correspondeu durante algum tempo.

Um outro trabalho, dos mais importantes, é *Scintille d'un' Anima Brasileira*, publicado em Florença, na Itália, no ano de 1859. Este livro contém cinco ensaios que tratam da educação de jovens, da mulher européia, da pátria distante e das saudades que ela sentia de seu país, após tantos anos ausente. Um dos textos, intitulado *A Mulher*, trata da mulher francesa de meados do século XIX, que a autora critica pelo comportamento superficial e mundano. Nísia se antecipa aos governantes e pensadores franceses e condena — nesse ensaio — o costume das mulheres de abandonar os filhos recém-nascidos para serem amamentados e criados distantes, no interior do país, por mulheres camponesas.

Em outro ensaio, *O Brasil*, também publicado em Paris em 1871, ela resume a história da nação brasileira, fala dos recursos econômicos, das riquezas conhecidas e latentes, dos sábios e escritores mais conhecidos. Sua intenção era além de fazer propaganda da pátria no estrangeiro, desfazer os preconceitos e mentiras que predominavam na Europa, acerca do Brasil.

Assim, ainda que rapidamente e nos limites deste texto, tentei mostrar a importância do resgate de uma figura como Nísia Floresta na história intelectual da mulher brasileira. No momento em que se procura e se começa a escrever a história da participação feminina, é hora de retirarmos esta e outras escritoras das gavetas e arquivos, tomando conhecidos seus livros, sua produção artística e suas histórias de vida, como forma mesmo de realmente nos conhecermos e reescrevermos nossa história.

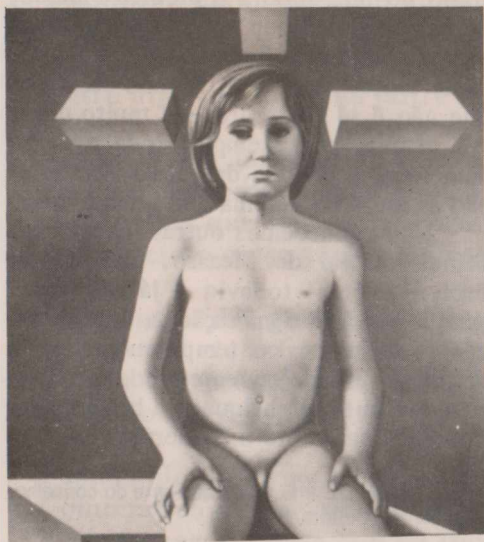


## NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de la nordestina Dionisia Gonçalves Pinto, nació en Papary (hoy Nísia Floresta) en el Rio Grande do Norte - Brasil, 12.10.1810 y falleció en Rouen, Francia en 24.04.1885. Es considerada una de nuestras primeras escritoras románticas y la precursora del movimiento feminista en el Brasil. En 1839 abrió un colégio para niñas en Rio de Janeiro - el colégio Augusto - que competia con los mejores de la corte y contribuyó para aprimorar intelectualmente las jovens que lo frecuentaran. Además de sus inúmeras colaboraciones en periódicos de las ciudades brasileñas del Recife, Porto Alegre y Rio de Janeiro, publicó diversos livros en portugués, francés, inglés e italiano. Residió 28 años en la Europa. Son de su autoria los siguientes títulos: *Derecho de las Mujeres e Injusticia de los Hombres*, Recife 1832 - 2ª ed. São Paulo, Cortez 1989 - *Consejos a mi hija* - Rio 1842 - *Daciz ó la joven completa*. Rio de Janeiro 1847. *Fany ó el modelo de las Dancellas* - Rio de Janeiro 1847. *Discurso hecho a sus educandas* Rio de Janeiro 1847. *Lágrima de una Caeté* - Poema - Rio de Janeiro 1849 - *Dedicación de una Amiga* - Niterói - 1850 - *Pensamientos (Versos)* Rio de Janeiro 1851 - *Opusculo Humanitário (ensayo sobre Educación)* Rio de Janeiro 1853 - 2ª ed. São Paulo, Cortez 1989 - *Itinerário de un Viaje por Alemaña, Paris* 1857 tradución Natal - Brasil - 1982 - *Scintille d'un anima Brasiliana* - Florenza Italia - 1859 - *Trois ans en Itália* - 2 vol. Paris 1864 y 1867; *Woman* - Ensayo. London 1865 - *Le Bresil*, Paris 1871 - *Fragments d'un Ouvrage Indit: Notes Biographiques*, Paris, 1872.



# AS ARTES PLÁSTICAS NO RIO GRANDE DO NORTE



Trabalho de Jomar Jackson

A época dita moderna das artes plásticas no Rio Grande do Norte aconteceu quase 30 anos depois da semana de arte moderna de 1922. A primeira exposição de arte, considerada moderna no estado, foi realizada em 1949, num velho casarão no centro da cidade, por Newton Navarro, Ivan Rodrigues e Dorian Gray. Até então, a arte produzida na província era tanto dileitante quanto amadora e as exposições eram meras demonstrações esporádicas desse dilettantismo acadêmico com reproduções de cenas da Bíblia e da história e paisagens de Grécia e Roma.

Durante quase uma década, poucas exposições aconteceram depois da exposição realizada pelo escultor Hostílio Dantas e pelo retratista Moura Rabelo, que causou grande impacto na intelectualidade potiguar. A partir de 1960, outros artistas passaram a produzir e expor seus trabalhos, aproveitando a campanha de popularização da cultura, que promovia praças de cultura anualmente, com exposições de artes plásticas, conferências e palestras, audições de poesias e lançamentos de livros. Novos artistas foram lançados em 1965 através do Salão dos Novíssimos, que discutia a produção intelectual de cada um, com divulgação através do jornal católico "A Ordem".

Um ano depois, surgia um movimento de contra-exposição inspirado por Dailor

Varela, denominado "Esquema-Kaos", onde foram apresentados os primeiros objetos e proposições de vanguarda radical, durante a primeira Feira de Cultura do Rio Grande do Norte, promovida pela Fundação José Augusto. Os artistas de vanguarda, organizados com suas proposições a partir do movimento de poesia-processo e que incluía ainda literatura e músicas, se mantiveram coesos durante mais de cinco anos, realizando suas exposições e seus manifestos. Todas as promoções de artes plásticas da época, eram movimentadas por galerias particulares e pela Prefeitura.

O início da década de 70, entretanto, foi muito importante para as artes plásticas no Rio Grande do Norte, com o surgimento de novas tendências. Temas da terra, folhagens tropicais, flores e frutos da região nordestina eram explorados por muitos artistas, em tapeçaria, serigrafia, cerâmica popular e pintura decorativa em azulejos. Outros artistas com Manxa, Sebastião Soares e Ângelo passaram a aproveitar os mesmos temas de arte popular em esculturas e entalhes.

O aprimoramento da técnica de trabalho foi sentido na metade da década de 70, com o surgimento de proposições das mais variadas formas, onde os artistas procuravam aproveitar, ao máximo, a forma estrutural do desenho para transmitir suas mensagens. Nivaldo Mendes elaborou um trabalho bem primitivo, com cenas da vida do povo, procissões, festas populares, autos e danças. Também Iaperi Araújo manteve sempre uma coerência temática, aproveitando a ideologia popular. Aliou suas experiências como médico e pesquisador da cultura popular em sua pintura, recriando ex-votos populares com o registro de todo um fabuloso mundo de esperanças e desejos na cura e na intenção dos santos ditos populares.

Depois, a arte da vanguarda com novas proposições ou renovação de antigas formas, ganhou espaço, representado pela arte-correio, vídeo-arte e arte-door. Jota Medeiros persistia como único representante da arte mais contemporânea em nosso estado, juntamente com Falves Silva.

Outros nomes como Túlio Fernandes, Flávio Américo, Erasmo, Jordão e Sombra, renovaram seus trabalhos, seja na forma de composição, no traço ou na cor. Newton Navarro, sempre se manteve fiel em seu traço e seu trabalho à cidade de Natal, valorizando de todas as formas, o traço simples, para registrar a face de seu povo, em seus santos, seus vaqueiros e cantadores nas lutas e na tradição.

O Artesanato do Rio Grande do Norte se estende em toda a sua geografia, com peculiaridades de cada região. Ele é múltiplo em sua criatividade; dos galos de barro, das oleiras do município de Santo Antônio dos Barreiros aos objetos de cerâmica de utilidade, que guardam a tradição dos índios Tarairiús do sertão, até a arte mais tradicional das rendas de bilro e labirintos.

A cerâmica utilitária ganha marcantes diferenças em Serra Negra do Norte, Caicó, Santo Antônio, São José de Mipibu e Santo Antônio dos Barreiros. No restante, segue o mesmo esquema rústico manual, sem utilização de forno para confecção: Na região praiana de Tibau, município de Mossoró, as garrafas de areia conservam a tradição da composição geométrica ou descritiva, com areia colorida naturalmente das dunas. O trabalho de renda e labirinto é uma tradição executada pelas mulheres dos pescadores, nas praias.

A escultura popular em madeira revelou grandes artistas como Xico Santeiro autor de cristos, cangaceiros e personagens da zona praiana da Cidade do Natal; os irmãos Teodora e Júlio Cassiano, que esculpam santos e personagens da vida sertaneja e as irmãs Luiza e Ana Dantas que faziam um perfeito trabalho artesanal.

A cerâmica popular em esculturas tem Etewaldo (Ceará-Mirim), o maior de seus artistas, esculpindo figuras populares, pescadores e velhos. Atualmente, além do grupo de cerâmica de Santo Antônio dos Barreiros, o grupo de São José de Mipibu e o grupo de Umarizal são os mais diferenciados, variando com composições de leões e estatutária a flores de decoração a sementes.

## CAMINOS DEL ARTE

La popularización de la cultura en el Rio Grande do Norte ha proporcionado, la abertura de nuevos caminos, y tendencias, muchos años después de la época llamada moderna. Ha dejado de, hacer, no más, reproducciones, para enseñar la creatividad del artista que utilizaba su arte, fuera en pintura, cerámica, tapisería, ó escultura, para transmitir un mensaje, retratar la vida de un pueblo, sus creencias, sus aflicciones. Los más modernos, dichos de vanguardia, también han ganado espacio con nuevas propuestas artísticas. Hasta el trabajo más artesanal, producido en cada región de la provincia con una característica propia, ha dejado una tradición.



# GUERNICA

VERÍSSIMO DE MELO\*

Extremamente rico e antecipador de novas interpretações o ensaio do prof. Saturnino Pesquero Ramón: "O GUERNICA: ARTE/PAIXÃO" — UFG — Goiânia-1993. O livro/álbum, de excelente feito gráfico, amplamente ilustrado, é realização da editora da Universidade Federal de Goiás. Nele, o prof. Ramón retoma um tema fascinante: o mural célebre de Pablo Picasso — GUERNICA — considerado a mais importante realização artística do século XX.

Para os que não sabem — Guernica, pequena cidade espanhola, foi praticamente e desumanamente destruída pela aviação alemã, durante a guerra civil na Espanha, no dia 26 de abril, de 1937. Um verdadeiro genocídio. Fato que indignou e comoveu o mundo até hoje. Dias depois, o poeta francês Paul Éluard escreveu poema sobre Guernica, seguindo-se a elaboração do painel de Picasso. Trabalho feito por encomenda do governo republicano da Espanha, especialmente para a Feira Internacional de Paris, naquele ano.

Em 1967, contemplamos com atenção o mural e seus esboços no Museu de Arte Moderna, em Nova York. A primeira impressão foi avassaladoramente chocante! Estávamos diante de enorme painel de cores preta, branca e cinza, com desenhos propositadamente caricaturais. Tudo fragmentariamente esboçado — cabeças de cavalos, touro, ave, criança no colo, guerreiro, figura bissexual, braços erguidos, etc. Impressão que também não poderá ser outra esteticamente apreciada para quem ignora o fato hediondo ali configurado, sua gênese, influências pictóricas do próprio Picasso, alegorias e muitos que se lhe denodam. O fantástico trabalho de Picasso foi elaborado em 14 dias (entre maio e junho de 1937), com intervalos a que o prof. Ramón chama de "silêncio criativo" do pintor. Sobre o Guernica já se escreveram até 1980 sessenta e seis livros, estudando-o direta ou indiretamente.

O prof. Ramón desenvolveu pesquisa altamente especulativa e profunda, indo às fontes em Espanha e São Paulo (onde o mural esteve em exposição na bienal de 1953). Examinou aspectos da celebração político-humanitária, estética e mítico-simbólica envolvendo o quadro, dando ênfase ao seu intrincado simbolismo mágico. Inclui através de observações dos seus 45 esboços, estudos e sete fotos de Dora Maar — a amiga de Picasso que fotografou toda a feitura da tela, dia-a-dia. O autor da pesquisa não se limitou a transmitir o que já se tem escrito sobre o mural. Acrescentou observações pessoais significativas, fruto de demorada meditação sobre o painel.

Ele se detém na linguagem inovadora do pintor espanhol, adentrando-se nas suas expressões míticas e simbólicas. Refere influências de Delacroix, Grüne-

wald, Michelangelo, Goya e até de relevos assírios na tela de Picasso. Ao contrário do que dissera o próprio Picasso, quando lhe pediram explicação para os seus desenhos deformados — "o touro é um touro" — o Prof. Ramón esclarece que não é só um touro — é muito mais. Ali estava, por exemplo, toda a carga emocional e poética de Picasso em relação às touradas — tema que o fanatizava.

Não conhecemos outras obras sobre painel imortal de Picasso. O livro do Prof. Ramón — todavia — já nos transmite a grandiosa significação da obra de um gênio da nossa contemporaneidade. É pesquisa verdadeiramente modelar. Honra o seu autor e enriquece a bibliografia internacional sobre o "Guernica".

\* VERÍSSIMO DE MELO é presidente do conselho Estadual de Cultura/RN



## "GUERNICA: ARTE / PASIÓN"

*Extremadamente rico, el Ensayo del Prof. Saturnino Pesquero Ramón de la Universidade Federal de Goiás, Brasil, titulado: "EL GUERNICA : ARTE / PASIÓN" UFG - Goiás 1993.*

*Verissimo de Melo se detiene en apreciaciones sobre el libro, recién - editado en Brasil, sobre la admirable obra de Picasso, que es GUERNICA. El autor describe, como ha ido surgiendo y tomando cuerpo la tela, con sus símbolos, alegorias y mitos.*

*La fragmentación de animales y tipos humanos en el panel, tiene una significación estética y filosófica. El autor, Prof. Ramón, muestra el lenguaje que el pintor español expresa en el panel, añadiendo significativas observaciones personales.*

*Pesquisando en sus expresiones míticas e simbólicas, el autor declara, que cuando Picasso informó, que el diseño deformado de una cabeza de toro, significaba "un toro, no más", él no dijo toda la verdad. Significaba mucho más: allá estaba, toda la carga emocional y poética de Picasso, con relación ao Touro, tema que lo fanatizaba.*

*La pesquisa recién hecha por el Prof. Ramón, nos enseña, la grandiosidad de la obra de un genio de nuestra contemporaneidad, pesquisa e interpretação en verdad, magistrales.*



# ESPAÑA

Vicente Huidobro

Traidores nocturnos con alma pantanosa  
Hermanos de la víbora y las ropas de luto  
Apuñalaron tu hermosa estrella esperanzada  
Entre algas y tinieblas entre rios difuntos

Sopla el mar fabricando pirámides de lágrimas  
Fatales escaleras y músicas con sangre  
Bajo nubes que pasan como carros de heridos  
Por un cielo color túbido de cañones distantes

La epopeya del pueblo que exige su destino  
Levanta al cielo frentes y rompe grandes pechos  
Y danzan los fantasmas entre barcos enfermos  
En la noche del hombre que nutre cementerios

Pasan soldados pasan olas y pasan vientos  
Como notas de un canto que asusta las edades  
La inmensa sinfonia con su lluvia y sus hombres  
Se pierde en una tumba debajo de la tarde

Ejércitos de luces al borde de la muerte  
Se alza la selva y los soldados pasan en un canto  
Es el gran viaje ciego de las velas y el viento  
Ya no veréis más esos soldados

Una fila tras otra asaltan horizontes  
Y vienen a morir en olas a la playa  
Tanta sonrisa tanta sangre tantos héroes que caen  
Y salen de sus cuerpos como salían de las fábricas

El recuerdo del hombre es menos que esa luna  
Que pierde la cabeza y cae sobre el mar  
Sin embargo esos rostros de soldados que pasan  
Ya nunca los podréis olvidar

Agonia agonia de la rosa y la piedra  
Los vientos se estrellaron en la más alta torre  
Caerán mil estrellas con la quilla partida  
Y cada una en la tierra tendrá más de cien nombres

El pueblo será grande com su própia estátua  
Como ese continente que sacó de la noche  
Como el galope histórico de épicas manadas  
Que dan escalofrios a las alas del bosque

Laureles y laureles y cien leones antiguos  
Petrificados por el rayo y los relámpagos  
Procesión de ataúdes en puentes al silencio  
La libertad bien vale un astro emocionado

Y pasan los fantasmas atados por la sombra  
Laureles y laureles y truenos y relámpagos  
Y vienen los lamentos y los ramos de glória  
Ya no podréis jamás olvidar esos soldados

Sus esqueletos vivos debajo de la tierra  
Serán los clavecines de una músicas eterna.

# ESPANHA

Vicente Huidobro (1893-1948)

Traidores noturnos com alma pantanosa  
Irmãos da víbora e as roupas de luto  
Apunhalaram tua formosa estrela esperanzada  
Entre algas e trevas entre rios defuntos

Sopra o mar fabricando pirâmides de lágrimas  
Escadas fatáis e músicas com sangue  
Sob nuvens que passam como carros de feridos  
Por um céu da cor escura de canhões distantes

A epopéia do povo que exige seu destino  
Levanta frentes ao céu e rompe grandes peitos  
E dançam os fantasmas entre barcos enfermos  
Na noite do homem que nutre cemitérios

Passam soldados passam ondas e passam ventos  
Como notas de um canto que assusta as idades  
A imensa sinfonia com sua chuva e seus homens  
Perde-se numa tumba debaixo da tarde

Exércitos de luzes à beira da morte  
Levanta-se a selva e os soldados passam em um cântico  
É a grande viagem cega das velas e o vento  
Já não vereis mais esses soldados

Uma fila atraz da outra assaltam horizontes  
E veem morrer em ondas na praia  
Tanto sorriso tanto sangue tantos heróis que caem  
E saem dos seus corpos como saiam das fábricas

A lembrança do homem é menos que essa lua  
Que perde a cabeça e cái sobre o mar  
Seguro esses rostos de soldados que passam  
Já nunca os podereis olvidar

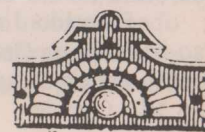
Agonia agonia da rosa e a pedra  
Os ventos se estrelaram na mais alta torre  
Cairão mil estrelas com a quilha partida  
E cada uma na terra terá mais de cem nomes

O povo será grande como sua própria estátua  
Como esse continente que tirou da noite  
Como o galope histórico de épicas manadas  
Que dão calafrios às asas do bosque

Lauréis e lauréis e cem leões antigos  
Petrificados pelo raio e os relâmpagos  
Procissão de ataúdes em pontes ao silencio  
A liberdade bem vale um astro emocionado

E passam os fantasmas atados pela sombra  
Lauréis e lauréis e trovões e relâmpagos  
E veem os lamentos e os ramos de glória  
E jamais podereis esquecer esses soldados

Seus esqueletos vivos debaixo da terra  
Serão os clavecinos de uma música eterna.





## O PRIMEIRO MARCO DE POSSE NA TERRA DE VERA CRUZ

Em 7 de agosto de 1501, chegavam à costa setentrional do Rio Grande do Norte três caravelas, saídas de Lisboa a 14 de maio. A esquadilha, cujo capitão-mor era André Gonçalves, tinha por finalidade o reconhecimento litorâneo da Terra de Vera Cruz, descoberta no ano anterior por Pedro Álvares Cabral. Acompanhava a expedição, na qualidade de cosmógrafo, o florentino Américo Vesputio, cujo nome seria posteriormente concedido ao Novo Mundo.

Deve-se a Vesputio o relato daquela Expedição de 1501, ocasionalmente geradora do primeiro episódio registrado pela historiografia norte-rio-grandense. As três caravelas fundearam ao largo de uma praia deserta, na altura de cinco graus de latitude sul, local que depois se tornaria conhecido como Ubranduba e Praia dos Marcos, atuais lindes municipais de Touros e Pedra Grande. Naquele mesmo dia 7 de agosto, os portugueses tomaram posse da terra encontrada, em nome do Sereníssimo Rei Dom Manuel.

A época, colocavam-se marcos de pedra nas terras descobertas, sinais indicativos de posse e domínio. Naquela ocasião foi chantado um marco ou padrão confeccionado de pedra lioz, o mármore de Lisboa, monumento que se tornou conhecido posteriormente como o Marco de Touros. A secular coluna acha-se preservada na Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, local para onde foi transportada há alguns anos.

O lugar de chegada das três caravelas de André Gonçalves e da subsequente chandadura do marco possessorio, tem sido reivindicado pelo Ceará e Paraíba. A indicação de Vesputio de ter sido o ponto de desembarque à altura dos 5 graus de latitude sul, confirma a ocorrência da chegada da esquadilha de André Gonçalves ao território potiguar. O Marco de Touros foi chantado em uma situação representada por 5 graus, 04 minutos e 40 segundos de latitude de sul, aproximadíssima daquela indicada por Américo Vesputio.

Um outro marco foi chantado pela mesma expedição exploratória. O chamado Marco de Cananéia, implantado em uma praia paulista, hoje enriquece o acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

## A CAPITANIA DE JOÃO DE BARROS

A Carta-Régia de 28 de setembro de 1532, de dom João III, dividiu o território brasileiro em quinze capitanias hereditárias, tendo sido agraciados com as doações doze magnatas do reino. O território, hoje correspondente ao Rio Grande do Norte, ficava incluído nas 100 léguas doadas em 11 de março de 1535, a João de Barros e Ayres da Cunha. As terras doadas principiavam na Baía da Traição, estendendo-se para o norte até a Angra dos Negros, local identificado como a Enseada de Mucuripe, no Ceará.

Logo em seguida ocorreu a divisão daquele território doado em 1535, ficando João de Barros com a porção meridional da capitania: da Bafa da Traição ao rio Guararã (Açu).

João de Barros, Feitor das Casas da Índia e Mina, historiador das DÉCADAS, não veio pessoalmente à Terra de Santa Cruz, a fim de colonizar a sua Capitania da Costa dos Potiguares. Enviou, substituindo-o, os seus filhos Jerônimo e João de Barros, que participaram de uma expedição enviada à donatária em novembro de 1535, na primeira tentativa de efetiva conquista do território.

Ante o fracasso da expedição, seguiu-se-lhe uma outra, em 1555, também vítima do insucesso. Nove anos depois, o procurador de João de Barros, em Igarauçu, protestava contra o fato de o capitão João Gonçalves, da ilha de Itamaracá, estar concedendo licenças para ser explorada a capitania do seu constituinte, principalmente no Porto dos Búzios, situado na barra do rio Pirangi, litoral oriental da donatária.

Falecido João de Barros em 1570, reverteu a capitania ao domínio da Coroa, provavelmente em 1582, convertendo-se então em uma capitania real, sob a denominação de Capitania do Rio Grande

# PRIMÓRDIOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA CAPITANIA DO RIO GRANDE (1501 - 1610)

## OLAVO DE MELEIROS FILHO

### A PRESENÇA FRANCESA NA CAPITANIA

Desde o início do século XVI, ocorria a presença de traficantes e corsários franceses no território habitado pelos potiguares. O escambo realizado entre franceses e indígenas abrangia diversos produtos da terra, tais como: fios de algodão, redes do mesmo material; cereais, tabaco, pimenta, gengibre; plantas medicinais, óleos balsâmicos; pau brasil e outras madeiras nobres; peles de onça; papagaios e aves raras; macacos e sagüis; minério de ouro, crisólitos; âmbar dos tipos cinza, negro e branco...

Em 1570, os filhos de João de Barros, herdeiros da capitania, formulavam um requerimento ao rei de Portugal, referindo-se à necessidade de povoar-se o território, a eles

pertencente: "... é necessário mandar povoar esta capitania antes que os franceses a povoem; os quais todos os anos vão a ela a carregar brasil por ser o melhor de toda a costa. E fazem já casas de pedra em que estão em terra fazendo comércio com o gentio. E os anos passados estiveram nesta capitania dezessete naus de França a carga e são tantos os franceses que vêm ao resgate que até as raízes do pau brasil levam porque tingem mais as raízes do pau que nasce nesta capitania... E agora tomaram os franceses aos Potiguares três mil quintais de brasil que os portugueses tinham na praia feitos a sua custa para carregar. E antes que os franceses façam uma fortaleza que obrigue depois a muito, parece que será bom povoar-se por nós e com isso feito-lhe, não levarão este pau à França e ficará então rendendo muito a Vossa Alteza".



O cronista português GABRIEL SOARES DE SOUZA, em seu "Tratado Descritivo do Brasil em 1587", menciona os locais do litoral norte-rio-grandense que eram frequentados pelos franceses: a Enseada de Itapitanga (Pititinga); o rio Pequeno, ou Baquiipe, depois denominado de Ceará-Mirim, local penetrado pelas chalupas francesas, que iam resgatar com o gentio o pau-de-tinta, "as quais são das naus que se recolhem na enseada de Itapitanga"; o Rio Grande (ou Potengi), onde os franceses iam carregar muitas vezes; o Porto dos Búzios, na foz do rio Pirangi, "onde entram caravelões da costa num riacho, que neste lugar se vem meter no mar"; Enseada de Tabatinga, entre o Porto dos Búzios e Itacoatiara (Ponta da Pipa) "onde também há surgidouro e abrigada para navios em que detrás da ponta costumavam ancorar naus francesas e fazer sua carga de pau-de-tinta"; e, finalmente, a Enseada de Aratipicaba (Bafa Formosa), "onde dos arrecifes para dentro entram naus franceses e fazem sua carga".

Através de antigos relatos, tem-se conhecimento de que o principal porto frequentado pelos franceses, na Capitania de João de Barros, era o rio Potengi, onde também aportavam navios ingleses. Ali eram feitos os reparos necessários nas embarcações, obtinham-se provisões de água, frutas, carnes e outros "refrescos". O topônimo Refofo (ex-Nau de Refofo), coincidente com o trecho do Potengi onde foi construída a Base Naval de Natal, relembra a presença de Jacques Riffault, traficante francês.

No Porto dos Búzios existia uma grande concentração de franceses, vários deles casados com potiguares. No rio Pirangi, distante cerca de dois quilômetros da sua barra, ainda existem umas ruínas arquitetônicas, que no nosso entender teriam sido de uma antíquíssima casa-forte francesa, utilizada como aquartelamento e também destinada ao armazenamento das mercadorias, objeto das permutas entre franceses e potiguares.

## A EDIFICAÇÃO DA FORTALEZA DOS REIS MAGOS

Alarmado com as notícias chegadas à Corte, dando conta da incômoda presença francesa no Rio Grande, El-Rei Filipe II ordenou ao Governador-Geral do Estado do Brasil, dom Francisco de Souza, que entrasse em contato com os capitães-mores de Pernambuco e Paraíba, respectivamente Manuel Mascarenhas Homem e Feliciano Coelho de Carvalho, para que fosse organizada uma expedição militar, com vista à definitiva expulsão dos intrusos franceses.

Viajando por terra, desde Pernambuco, Mascarenhas Homem chegou ao porto de Paraíba, de onde embarcou com destino ao Rio Grande, levando sob o seu comando 400 homens, inclusive indígenas e negros de serviços, sendo conduzidos em "14 velas".

Feliciano Coelho de Carvalho partiu da Paraíba a 17 de dezembro de 1597, comandando uma tropa composta de 998 homens, entre os quais 820 indígenas. À altura da Bafa da Traição, a varíola, peste do Brasil, fez a expedição retroceder.

No dia 25 de dezembro de 1597, Mascarenhas Homem chegava à barra do Potengi, ou Rio Grande, determinando então que dois caravelões sondassem o dito rio, "o qual descoberto e seguro," entrou nele a armada, à tarde, guiada por aqueles marinheiros dos caravelões que o tinham sondado. No dia imediato, os soldados desembarcaram, provavelmente no local hoje chamado de Canto do Mangue, entrincheirando-se com varas de mangues, nas proximidades do arrecife escolhido para nele ser levantada uma fortaleza.

O sítio onde ficaram acampadas as tropas de Mascarenhas Homem, coincide com o local hoje ocupado pelo Círculo Militar de Natal, na chamada Praia do Forte. Dez ou doze dias depois da chegada das tropas, a paliçada sofreu um ataque desferido por 2.000 frecheiros potiguares chefiados por Mar Grande, aos quais se haviam juntado 50 franceses "que haviam ficado das naus do porto dos Búzios, e outros que ali estavam casados com Potiguares." Rechaçados os indígenas, ficou prisioneiro o maior Mar Grande



As obras de ereção da fortaleza, a mesma que ainda ergue-se sobre os arrecifes na barra do Rio Grande, tiveram o seu início no dia de Reis, 6 de Janeiro de 1598, daí a denominação que lhe foi imposta de Fortaleza dos Santos Reis Magos. Foi autor da traça da fortificação o padre Gaspar de Samperes, da Companhia de Jesus, "grande arquiteto e engenheiro," e que "sabia bem dessa arte e a exercitara, em Espanha e no Brasil, antes de entrar na Companhia, quando professava a milícia."

No local onde se situaram as tropas e os construtores da fortificação, surgiu um arraial, coincidente com o sítio onde hoje existe o Círculo Militar de Natal. Gravura portuguesa de 1609 retrata o arraial, onde havia uma capela, algumas casas e um padrão confeccionado de arenito. Em 1633, quando da chegada dos invasores holandeses, ainda existia aquele arraial.

No dia 30 de Março de 1598, partiu novamente da Paraíba, em socorro de Mascarenhas Homem, o capitão-mor Feliciano Coelho de Carvalho, conduzindo uma companhia composta de 24 homens de cavalaria, e duas de homens de infantaria, de 30 arcabuzeiros cada uma, além de 350 índigenas frecheiros com seus maiores.

Chegado Feliciano ao Rio Grande, em abril daquele ano, alojou-se ele em uma grande aldeia abandonada, situada na margem esquerda do Potengi. O famoso Potiguaçu (Camarão Grande) pai do futuro herói da guerra Holandesa, dom Antônio Filipe Camarão, era o maioral da dita aldeia. Posteriormente Potiguaçu celebraria as pazes com os portugueses, de quem seria leal e valioso aliado.

Com a ajuda prestada pelos reforços trazidos por Coelho de Carvalho, foi concluída a Fortaleza dos Reis Magos, no dia de São João, 24 de junho de 1598, ficando a mesma em "estado de defesa." Fora ela construída de taipa, o material mais empregado à época.

No dia seguinte, Mascarenhas Homem e Coelho de Carvalho retornaram às suas capitâncias, ficando a ocupar o cargo de Capitão-Mor da Capitania e Fortaleza João Rodrigues Colaço, que fora provido pelo Governador-Geral, dom Francisco de Souza.

O padre Gaspar Gonçalves Rocha foi o primeiro vigário do Rio Grande, provido a 3 de fevereiro de 1598, ao qual se concedeu ordenação e ordinárias pelo Governador-Geral. Na Semana Santa de 1598, a capelinha do arraial já existia, e nela, no dia 24 de junho, já vigariava o padre Gaspar.

## A PACIFICAÇÃO DOS POTIGUARES

Com a partida dos dois capitães-mores, cuidou-se imediatamente de intentar as pazes com os potiguares do Rio Grande e Paraíba. Os do Rio Grande entraram logo em acordo com os portugueses, através do maioral Potiguaçu. A tarefa de pacificação, confiada aos padres jesuítas Francisco Pinto e Gaspar de Samperes, foi concluída em apenas um ano, pois no dia 11 de junho de 1599, na Cidade Filipéia, em eram celebradas as pazes com os potiguares da Paraíba, moradores em Copaoaba. Ao ato solene, compareceram as mais elevadas autoridades civis, militares e eclesiásticas, além de diversos chefes indígenas.

## A CIDADE FUNDADA NO RIO GRANDE

Expulsos os franceses da capitania e celebradas as pazes com o gentio potiguar, restava ainda a necessidade de ser fundada uma cidade, destinada a permitir a fixação definitiva da população na capitania do Rio Grande.

No dia 9 de janeiro de 1600, encontrava-se novamente no Rio Grande do Norte o Capitão-Mor da Conquista, Manuel Mascarenhas Homem. Naquele dia encerrou-se a missão que lhe fora atribuída por dom Francisco de Souza. Ocorreu então, o último ato administrativo emanado de Manuel Mascarenhas Homem, relacionado com a capitania. Concedeu ele ao capitão-mor do Rio Grande, João Rodrigues Colaço, duas doações de terra:

uma delas no sítio destinado à cidade, a outra ao longo do rio Potengi, zona rural da capitania.

Através dos termos constantes do requerimento formulado por João Rodrigues Colaço, referente à Data e Sesmaria nº 1 de 9 de janeiro de 1600, alegava ele que "porquanto queria fazer umas casas no sítio que está escolhido para a cidade, e dar princípio à povoação... lhe desse no sítio que está escolhido para a cidade, ao longo do Rio Grande, sessenta braças de testadas e noventa de comprimento, começando a medir as ditas noventa do Rio para o sítio da Cidade, que fica encima no alto..."

O terreno doado a João Rodrigues Colaço principiava em chãos distanciados 200 braças do Riacho da Ponte (riacho que servia de desagudouro à então Lagoa de Campina). Tal distância nos leva à atual Esplanada Silva Jardim, no bairro da Ribeira.

Somente 7 meses depois, em 14 de agosto de 1600, era concedida uma segunda doação de terra no sítio destinado à cidade. Foram contemplados os padres da Companhia de Jesus, que no terreno construíram apenas uma casinha de taipa e telha, referida em 1614.

Segundo a tradição popular, somente divulgada no ano de 1761 por Frei Antônio de Santa Maria JABOATÃO, a cidade no Rio Grande teria sido fundada por Jerônimo de Albuquerque, pretendo primeiro capitão-mor do Rio Grande, no dia 25 de dezembro de 1599.

Sabe-se todavia, por documentos fidedignos, que em 1599 o capitão-mor do Rio Grande era João Rodrigues Colaço, cuja autoridade ainda se achava vinculada à pessoa de Manuel Mascarenhas Homem, por ser este o Capitão-Mor da Conquista do Rio Grande.

Antes de aparecer a denominação definitiva, NATAL, o que somente figura em documentação de 1614, a atual capital do Rio Grande do Norte já fora conhecida como: Cidade de Santiago (1602), Cidade dos Reis (1612) e Cidade do Rio Grande.

A capela existente no outeiro da cidade, atual Matriz de N. S. da Apresentação, somente foi concluída em 1619, conforme inscrição existente em uma certa pedra, encontrada na ocasião em que era realizada uma reforma naquele templo, no século 18.

De início houve muita relutância por parte da população, em se transferir do arraial para o sítio do outeiro da cidade. Informação elaborada entre os anos de 1605 — 1607, afirmava que a nova cidade contava apenas 25 ou 30 moradores...

No dia 6 de janeiro de 1605, Jerônimo de Albuquerque, segundo capitão-mor do Rio Grande, concedia ao Concelho da Cidade uma légua de terra, que formaria o patrimônio do dito concelho, o qual ficaria encarregado de conceder terrenos aos possíveis interessados. Em 1614, sobre o outeiro havia apenas doze casas...

Informa DIOGO DE CAMPOS MORENO, que em 1611 fora concedido aos moradores do Rio Grande "modo de governança," pelo Governador Dom Diogo de Menezes, "o qual, com parecer da relação, elegeu o juiz, um vereador, escrivão da câmara, procurador do concelho e procurador dos índios." Também no mesmo ano, estabeleceu-se uma nova fronteira entre as capitâncias do Rio Grande e Paraíba. O rio Guaju passou a servir de limite meridional para a capitania do Rio Grande.

## DOAÇÕES DE TERRAS NA CAPITANIA

Já delineados os principais fatos que culminaram com a definitiva presença portuguesa na Capitania do Rio Grande, voltemos-nos agora para as atividades econômicas desenvolvidas pelos colonos chegados à terra. Foi notável o afã de conseguir terras por partes dos portugueses, no primeiro decênio seguinte à conquista do território, ocorrência que nos é revelada pelo exame procedido nas datas e sesmarias concedidas pelos capitães-mores do Rio Grande. Os colonizadores exploraram principalmente a criação bovina, a pesca marítima e de água doce, o plantio da cana de açúcar e da mandioca,



além da extração de sal, proveniente das salinas naturais.

A primeira sesmaria concedida no Rio Grande, foi doada ao capitão-mor João Rodrigues Colaço, no dia 9 de janeiro de 1600. Segundo informou o próprio beneficiário, em requerimento dirigido a Manuel Mascarenhas Homem, "vendo que a tenção de Sua Majestade era povoar-se e cultivar-se estas terras e sertão," encontrara um local ao longe do Rio Potengi, próprio para nele se fazer roças. Adquirindo escravos de Guiné, o capitão-mor mandara roçar a dita terra, de que havia se apossado, a qual foi legalizada através daquele título de sesmaria. A doação feita a Rodrigues Colaço estendia-se da atual povoação de Santo Antônio do Potengi até São Gonçalo do Amarante, 2500 braças de comprimento por 2.000 de largura.

Em 1600, os padres da Companhia de Jesus já obtinha terras nas ribeiras do Jundiá e Pitimbu. No ano seguinte, João Lostão Navarro era agraciado com sesmaria ao norte da barra do rio Trairi, ao longo do mar, onde implantou um porto de pescaria. Em 1601, Gregório Pinheiro localizava-se com sesmaria no rio Sibauá, enquanto Gaspar Rabelo obtinha terras no rio Guaraú, que era o desaguadouro da atual Lagoa de Estremoz.

No mesmo ano (1601), o vigário Gaspar Gonçalves Rocha conseguia terras "da boca do rio Curimataú para o norte," enquanto Diogo Dias Rocha era agraciado com terras no mesmo rio, "da boca do rio Curimataú para a banda do sul."

Em 1602, tomava chegada à barra do rio Ceará-Mirim Afonso Álvares. Naquele ano, Gregório Gonçalves obtinha terras no rio Conaputumerim (hoje Porto Mirim), "para a banda do sul". João Soromenho, em 1603, era agraciado com terras na barra do rio Pirangi, local instalou um porto de pescaria.

Dois anos depois, Gregório Pinheiro obtinha uma data de terra, que principiava em Cururuçu, litoral da capitania

Em 1604, Jerônimo de Albuquerque doava aos próprios filhos, Antônio e Matias de Albuquerque, 5.000 braças de terras em quadra, na ribeira do Cunhaú, local onde surgiu o primeiro engenho da capitania, o famoso Engenho Cunhaú, movido a água.

Francisco Rodrigues Tatu, em 1604, penetrava pelo rio Pirangi acima. Também em 1604, Domingos Sirgo obtinha terras em Camaratuba, então pertencente à jurisdição do Rio Grande. No mesmo ano, Gaspar Rabelo instalava um porto de pescaria, no território compreendido entre o rio Ceará-Mirim e a "ponta que descobre a fortaleza"...

Nicolau Vazalim, em 1605, chegava ao rio Boixumugape, o Maxaranguape de hoje, local onde colocou suas redes.

No mesmo ano, Jerônimo de Albuquerque concedia aos seus filhos, Antônio e Matias de Albuquerque, umas salinas distanciadas 40 léguas do Rio Grande, para a banda do norte:

"a terra não serve para cousa nenhuma mais que para o sal que por si cria"...

Domingos Sirgo, naquele mesmo ano, obtinha data e sesmaria no rio Jacu, que deságua na Lagoa de Guaraúras, enquanto Gaspar de Albuquerque de Ataíde era agraciado com terras no rio Trairi.

Em 1606, Agostinho Pereira localizava-se com sesmaria no rio Guaju, dedicando-se à pescaria. No ano seguinte, Manuel Carvalho obteve terras ao norte da Lagoa Hupochoy, a mesma Lagoa do Bonfim dos nossos dias.

Manuel de Abreu, em 1608, foi agraciado com umas terras que começavam de ponta Pititinga, para o lado do norte. No ano seguinte, era vez de José do Porto conseguir sesmaria em Uruçu, entre os rios Potengi e Jundiá.

Em 1610, João Pereira e Miguel Pereira localizavam-se com sesmaria no vale do Capió, tributário da Lagoa de Papari, enquanto Pero Gonçalves obtinha terras na Lagoa de Jacaremirim, no atual município de São Gonçalo do Amarante...

As sesmarias acima descritas foram selecionadas por critérios geográficos, dentre dezenas de outras concedidas no período de 1600 a 1614, pelos capitães-mores do Rio Grande.

Houve também a ocorrência de uma mina de ferro na capitania, descoberta em 1608 por Jerônimo de Albuquerque, em terras do Engenho Cunhaú, no local hoje denominado de "Gruta do Bode".

#### ABUNDÂNCIA E SALUBRIDADE

Como já informamos anteriormente, na capitania abundavam os rebanhos de bovinos, notando-se também a existência de plantações de cana e de mandioca, pescaria e extração de sal, gerado espontaneamente em salinas naturais.

O gado cavalar era abundante, apenas de ser muito vitimado pelas onças. Descrição de 1609 refere-se também à abundância de caprinos, de cujo leite eram fabricados queijos e requeijões. Eram consumidos melões, pepinos, abóboras e hortaliças, arroz, milho, frutas de espinho como toranjas, limões franceses e laranjas bicaís.

Havia também muito algodão, pimenta malagueta, tabaco, galinhas, patos, perus e porcos.

Notava-se também a existência de madeiras nobres, indispensáveis à fixação da corrente colonizadora.

DIOGO DE CAMPOS MORENO, em sua descrição de 1609, informava sobre as condições sanitárias da Capitania: "É toda esta terra tão sadia que desde que se fundou a fortaleza até hoje ali não entrou médico, nem barbeiro, o pediram. De acidentes se curam com muita facilidade os moradores, com cousas que lhe administra a mesma terra"...

## PRIMÓRDIOS DE LA COLONIZACIÓN PORTUGUESA EN LA CAPITANIA DEL RIO GRANDE DO NORTE (1501-1610)

El territorio, hoy representado por el Rio Grande do Norte, era considerado la "Llave del Brasil", debido a su peculiar situación geográfica que lo hace el rincón brasileño más cercano al continente africano.

La antigua capitania del Rio Grande, solo vino a ser poblada y colonizada efectivamente, despues de la expulsión de los franceses establecidos en los puertos del litoral, hecho que ha coincidido con la edificación de la fortaleza "Dos Reis Magos", en la embocadura del Rio Grande.

Pacificados los indígenas potigües, ex-aliados de los franceses, los capitanes-mayores que gobernaron el Rio Grande hicieron donación de tierras para explotación económica a colonos venidos para la región, hecho que enseñó la muy deseada fijación del hombre a la capitania.

Los resultados económicos, advenidos de la pesca, de la fabricación de azúcar (en el ingenio Cunhaú), producción de harina de yuca y la criación extensiva de rebaños, permitieron que - en diez años, nomás - la presencia portuguesa en el Rio Grande se hiciera definitiva e irreversible.

Olavo de Medeiros Filho

Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio G. do Norte. Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras



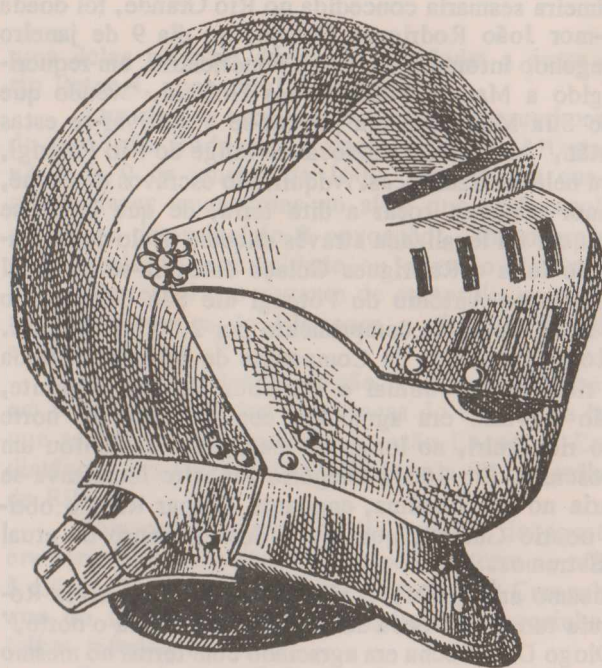
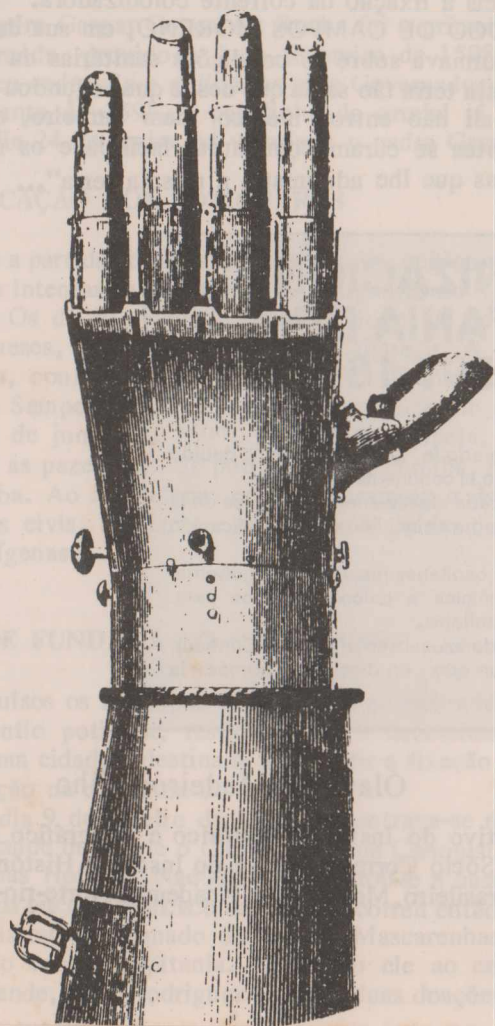
# SORTILÉGIOS DA CATALUNHA

*Pequena figura vermelha ao sol,  
rubi de sangue e vísceras  
despudoradamente  
expostas  
aos passantes  
a dor, a pele escalavrada  
os olhos fixos.*

*Labaredas emanam de suas vestes  
escarlates  
raios coruscantes e fortes  
recriam rituais antiquíssimos  
de cadenciadas  
ofertas e lutas.*

*Aberto os braços, das mãos  
as palmas repetem  
os gestos da Tradição:  
é o mar que recolhe  
esses segredos  
azuis.*

*E, máscara púrpura da coragem,  
os olés consagram  
Força e Beleza -  
Sortilégios da Catalunha.*



# SORTILEGIOS DE LA CATALUÑA

*Pequeña figura bermeja al sol,  
rubi de sangre y vísceras  
impudicamente  
expuestas  
a los pasantes  
el dolor, la piel descalabrada  
los ojos fijos.*

*Lllamaradas emanan de sus vestes  
escarlatas  
rayos coruscantes y fuertes  
recrian muy antiguos rituales  
de cadenciadas  
ofrendas y luchas.*

*Abiertos los brazos, de las manos  
el palmoreo repite  
los gestos de la Tradición:  
es el mar que recoge  
esos secretos  
azules.*

*Y, máscara púrpura del corage,  
los olés consagran  
Fuerza y Belleza  
sortilegios de la Cataluña.*

EDNA DUARTE  
VERSÓN: Mª CÂNDIDA DE MELO



## ANO NOVO

AMAR O SIGNO  
TÁCTIL MENTE  
NA LIMPIDEZ  
NA TESSITURA  
LABIRINTICAMENTE  
TÊXTIL TALÁSSICO  
ATÉ ONDA OCEÂNICA  
DILUIR O OUTRO  
SIGNO ARBITRÁRIO  
PALAVRA MORTA PUTA  
ANÁFORA NO TEMPO NA  
AREIA  
RAINHA DO ANDOR  
MARINHA NOTURNA

dácio galvão



# Romanceiro Potiguar:

# PORTUGAL E BRASIL



FABIÃO DAS QUEIMADAS  
Poeta dos Vaqueiros

DEÍFILO GURGEL

Romance de Paulina e D. João

Levado pelo exemplo do pesquisador sergipano Jackson S. Lima que, na década de setenta promoveu o levantamento do romanceiro ibero/brasileiro em seu Estado natal, iniciamos em 1985, idêntico trabalho no Rio Grande do Norte.

Professor da Universidade Federal, à época, apresentamos, então, à Pro-Reitoria de Pesquisa da UFRN um Projeto de mapeamento do Romanceiro potiguar. Infelizmente, não conseguimos da Universidade ajuda que pretendíamos em forma de Bolsas, para a contratação de alunos que nos ajudassem, no trabalho. Exceção de alguns poucos professores que, pelo Estado a fora se prepuseram a colaborar conosco, arcamos, sozinho, com toda a responsabilidade da pesquisa de campo.

São 9 anos de viagens, entrevistas, surpresas e alegrias, pelos campos do Romanceiro, em todo o território potiguar. A primeira grande alegria, foi a descoberta do romance PAULINA e D. JOÃO, coletado no dia 10 de agosto de 1985, em Alcaçus, município de Nísia Floresta, com D. Maria Aleixo.

O poema, com todas as características de um romance ibérico, conta a história de um casal de namorados, uma princesa cristã e um príncipe mouro. A agradável surpresa, para nós, é que o romance não aparece em nenhuma coleção brasileira nem nas portuguesas que conhecemos, de Garrett e Teófilo Braga.

Escrevendo para uma revista que se destina a circular em Portugal, transcrevemos na íntegra a primeira versão recolhida do romance, em Alcaçus. Algum confrade português poderá, quem sabe? identificar a origem deste romance em suas leituras do romanceiro ibérico e colaborar, assim, para a identificação de sua origem.

A minha filha Paulina  
bom gosto me queira dar,  
com o meu primo Fidélis  
por esposo é de aceitar.

Meu pai como é de ser isso,  
meu pai de meu coração?  
Eu já dei meu juramento  
para casar com Dom João.

Eu já dei meu juramento  
e Dom João também jurou.  
Tomemos por testemunha  
Jesus Cristo salvador.

Vamos preparar a festa  
lá dentro de meu palácio  
Eu quero ver esse conde  
amanhã em meu palácio.

Deus te salve, Dom João,  
na sua corte real,  
somos criados de Paulina  
que ela vos manda chamar  
mais essa linda cartinha,  
ela vos manda entregar.

Ele foi abrindo a carta,  
foi vendo o que ela dizia  
brincava que nem menino,  
de cada instante sorria.

Deus te salve, rei Afonso  
alto rei de Sufantilha  
Aqui me tens o senhor  
para esposo de Paulina.

De onde viesses tu,  
afoito, tão atrevido?  
Como queres ser meu genro,  
vais sofrer maior castigo.

Me chame aquela mulher,  
mas antes da minha morte.  
Quero que ela presencie  
esta minha tirana sorte.

Ele, o rei, subiu o palácio,  
foi falar com a bela infante.  
Querida filha, vem ver,  
a morte de teu amante.

Ela desceu do palácio  
que mulher nem parecia.  
Trajava de general  
apurando o rei de Turquia.  
Debaixo de seu peito  
de bala não temeria.

O Afonso foi gritando:  
haja fogo em meu mandado!  
O general foi gritando:  
haja bomba envenenada!

Numa sepultura só  
enterrou-se os dois amantes.  
Na cova deles nasceu  
as belas fulôls brilhante.

O malvado do Afonso,  
por ser um cruel judeu,  
não lhe deu a sepultura,  
no campo urubu comeu.



Para a realização de nosso trabalho de pesquisa, armamos um esquema, no qual os romances obedecem à seguinte classificação:

### ROMANCES IBÉRICOS

1) **Palacianos** que falam das aventuras galantes ou guerreiras da nobreza peninsular;

2) **Religiosos** contando a vida dos santos do hagiológico cristão, inclusive passagens da vida de Jesus Cristo, seu nascimento e morte

3) **Plebeus**, romances do povo: *A Pastorinha*, *A Menina da Fonte*, *Antonino e o pavão do mestre*.

### ROMANCES BRASILEIROS

1) **do Cangaço**, onde se conta a vida e a morte de famosos bandidos do Nordeste brasileiro;

2) **da Pecuária**, que descrevem as aventuras de famosos touros indomáveis, animais mágicos que legaram uma le-

genda de bravura à história da pecuária nordestina;

3) **Burlescos**, apresentados em Pastoris e teatrinhos mamembes.

Dentro desta classificação, outra alegre surpresa que tivemos, foi a de recolhermos no espaço geográfico de nosso pequeno Estado, alguns dos romances religiosos coletados em Portugal por Teófilo Braga. São velhos benditos de igreja, ignorados hoje pelas devotas das cidades, escondidos em sítios e povoados do interior. Dentre algumas dezenas recolhidas um se projeta pela beleza dos versos e da música. É o romance do Jesus Cristo e o Lavrador, que transcrevemos a seguir, para conhecimento, pelos nossos irmãos portugueses da forma brasileira desse belíssimo romance, cantado por D. Maria José (Militana Salustino do Nascimento), de São Gonçalo do Amarante, RN.

1 — Jesus Cristo caminhando  
no seu camin' caminhou.  
Quando ele chegou adiante,  
estava um lavrador.

2 — Jesus Cristo pôs-se em pé  
a ele lhe perguntou  
com as palavras humana:  
"Qué que pranta lavrador?"  
Ele lhe arrespondeu:  
"Pranto pedra, meu Senhor."

3 — Jesus Cristo caminhando,  
no seu camin' caminhou,  
quando ele chegou adiante,  
estava um lavrador.

4 — Jesus Cristo pôs-se em pé  
a ele lhe perguntou  
com as palavras humanas:  
"Qué que pranta, prantador?"  
Ele lhe arrespondeu:  
"Pranto trigo, meu Senhor".

5 — "Tu prantas, por quem espera?  
Respondeu sem embaraço:  
"Eu estou prantando à espera  
da lua nova de março".

A parte mais importante da pesquisa que realizamos e que já anda hoje por volta de trezentas versões coletadas em todo o território do Rio Grande do Norte, é a colaboração local para o enriquecimento do Romanceiro do Brasil.

No Romanceiro do cangaço, por exemplo, nosso Estado contribui para esses estudos com um livro da maior importância, o "Flor de romances trágicos", da autoria de Luís da Câmara Cascudo. Nele, Cascudo enfeixa dados biográficos de 15 cangaceiros do Nordeste brasileiro, acompanhados de romances ou ABCs, cantando a vida de cada um deles. Pena que o autor não tenha feito acompanhar cada um desses romances ou ABCs da melodia em que eram cantados deficiência que procuramos suprir agora com nossa pesquisa, identificando informantes que as conheçam. Desta forma já conseguimos

Rio Preto era um negro  
vivia na escravidão  
Recebeu a liberdade,  
deu logo pra valentão.  
Vivia da cartucheira  
e do granadeiro facão.

Eles dero numa casa  
do pobre pai de família,  
certo é que nós levamos  
ou a mulé ou a filha.

Eles dero numa casa



JESUS CRISTO E O LAVRADOR

Coleta: 05.12.91

— D. Maria José — Sítio Oiteiro (S. Gonçalo).  
(Militana Salustina do Nascimento).

6 — Jesus Cristo caminhando,  
no seu camin' caminhou,  
quando ele chegou adiante,  
estava um lavrador.

7 — Jesus Cristo pôs-se em pé,  
a ele lhe perguntou,  
com as palavras humana:  
"Qué que pranta, lavrador?"  
Ele lhe arrespondeu:  
"Pranto trigo, meu Senhor".

8 — "Tu pranta, por quem espera?  
Respondeu com vozes fina:  
"Eu estou prantando à espera  
da Providência Divina".

9 — "Quando aqui passar um home  
que ele por mim preguntá,  
dize que passei aqui,  
quando pegasse a prantá".

10 — Depressa o trigo nasceu,  
depressa o trigo cresceu,  
depressa o trigo pariu,  
depressa amadureceu.  
Quando estava colhendo,  
eis aí, vêm os judeu.

11 — "Por aqui passou um home?  
"Sim senhor, ele passou,  
quando este trigo prantou."

registrar a solfa de alguns desses romances, e de outros, não registrados por Cascudo, na área do cangaço. Nossa principal informante, não apenas nesta área do Romanceiro, mas em todas as outras, em que dividimos esse estudo, é D. Maria José (Militana Salustino do Nascimento) residente no sítio "Oiteiro", município de São Gonçalo do Amarante, cidade vizinha de Natal. D. Maria José é uma enciclopédia ambulante do romanceiro. Num universo de pesquisa em que a média é de oito, dez romances, por informante ela sozinha já cantou mais de trinta. Dentre os romances de cangaço que D. Maria José cantou para gravarmos, nós escolhemos como amostra, para este trabalho, o que fala da vida e morte do cangaceiro Rio Preto.



ROMANCE DE RIO PRETO. D. Maria José Oiteiro — 13.5.91

de uma pobre mulher só,  
o home andava osente,  
pra cima, pro Taencó.

Ele mais dois camaradas,  
quando viro a casa em pó,

A mulher lhe ofereceu,  
um cavalo do cercado.  
"Eu num quero o seu cavalo,  
nós tamo tudo amuntado".  
Nós queremos é a senhora  
e deixe de palavreado."



Mulher como é parte fraca,  
começou logo a chorar.  
"A cabeça pode ir,  
mas o corpo é que num vai lá."

Quando o nego safu  
af o home chegou.

Mulher muito envergonhosa  
não lhe quis contar história  
As vizinhas de mais perto,  
contaro na mesma hora.

"Ô meu sogro, ô minha sogra,  
Vim entregar sua filha,

quem criou derna de pequena,  
cria daqui mais uns dia.  
Se eu num matar Rios Preto,  
num vorto pela família.

Ele mais os dois cunhado...  
perpararo as cartucheira,  
cum bala nos granadeiro  
safro se penerando  
cumo onça cumedeira.

Eles encontraro um velho  
que do negro deu nutiça.  
Safro se penerando,  
cumo urubu pra carniça.

Eles encontraro um velho  
segurando em uma vela,  
"Rio Preto tá na rede,  
brincando com uma bela,  
subrinha do Padre Amaro,  
que roubou ela donzela.

Os outros tá no escuro,  
Rio Preto tá no claro,  
levaro do peito em frente,  
todos três lhe atiraram.  
Af Rio Preto sartou...

Eles pediro uma luz,  
pra Rio Preto caçar,  
pur barroca, ou pur baboca,  
pur onde ele havia 'star.

Os homes grandes de lá  
vinheram logo encontrar  
Da alegria que tivero,  
sortaro fogos do ar.  
"Minha gente, eu vos peço  
num me acabem de matar.  
Me levem pra Espirito Santo  
que eu quero me confessar".

Os romances do cangaço são uma das faces da contribuição local do Rio Grande do Norte, para o romancero do Brasil. Talvez a mais vasta, porém, não, a mais importante, que fica por conta do cantador rabequista Fabião das Queimadas (Fabião Hermenegildo da Rocha), natural do município de Lagoa de Velhos, nascido em 1848 e falecido na mesma região, em 1928, aos oitenta anos de idade. Queimadas é o nome da fazenda onde ele nasceu.

Fabião das Queimadas era escravo. Trabalhando na agricultura, inicialmente e, cantando depois, pelas vilas e fazendas do Estado, conseguiu amealhar dinheiro com que comprou a sua alforria e mais a de sua mãe e de uma sobrinha, com a qual veio a casar e foi a mãe dos seus muitos filhos.

A grande alegria de Fabião eram as vaquejadas. Onde houvesse uma festa de apartação de gado, lá estava o poeta, com a sua rabeca, para cantar a valentia e esperteza dos barbações indomáveis, a audácia dos corajosos vaqueiros, a velocidade e destreza de cavalos afamados.

#### ROMANCE DO CAVAI

Eu fui muito acreditado  
nas pernas de meu senhor.  
Eu pra trabalhar a gado  
nunca achei competendor (1)  
Nunca dei combate a bicho  
que não fosse o vencedor.

Na fazenda Belo Monte,  
na casa de seu Adelino,  
vadiei muito a meu gosto,  
satisfiz o meu destino.  
Para trabalhar a gado  
Sempre fui cavalo fino.

Dê lembranças aos que eu deixo,  
os bons cavalos de fama:  
"Carrapicho" do Nozinho,  
"Carçadim" das Imburana, (2)  
"Sanhaçu" da Primavera,  
"Dezessete" do Viana, (3).

Dê lembranças aos que eu deixo,  
os meus nobres companheiros,  
o "Pedrês" do Belo Monte,  
"Veado" de Zé Ferreira,  
o "Medalha" do Salteiro. (4)  
cavalos bons de porteira.

#### "MOLEQUE FOGOSO"

O senhor seu Pedro Quinca,  
este veio de São Joaquim,  
no seu castanho pequeno,  
que não era tão ruim,  
pelas suas velhacadas,  
ficou com raiva de mim.

Dei muitos campos pesados (5)  
Corri muita apartação. (6)  
Juntava "Moleque Fogoso"  
com "Castanho" da Divisão.  
Eu nunca deixei meu dono  
sofrer vergonha em mourão.

Eu fui muito acreditado  
nas pernas de meu senhor,  
Eu pra trabalhar a gado,  
nunca achei competendor.  
Nunca dei combate a bicho,  
que não fosse o vencedor.

Adeus rios e riachos,  
cacimbas e bebedor.  
Adeus toda a vaqueirama  
que sempre a mim me louvou.  
Adeus, Ovídio Ribeiro, (7),  
porque foi o meu senhor.

#### \* NOTAS

- 1 - Competendor por competidor...
- 2 - "Carçadim" por Calçadinho. Calçado é cavalo que tem o pelo próximo às patas diferente do restante.
- 3 - "Dezessete" alusão ao preço do cavalo: dezessete mil réis.
- 4 - Salteiro - Recurso poético de Fabião, para salvar a métrica do verso. O dono do "Medalha" era da família Salto, segundo Ribeiro.
- 5 - campear o gado
- 6 - Apartação - Costume do antigo criatório, que consistia no ajuntamento de vaqueiros e rebanhos numa das fazendas de determinada ribeira, para poste rior divisão do gado
- 7 - Ovídio Ribeiro era o pai do informante Pedro Ribeiro.\*

Coleta: 11.02.92.

## ROMANCERO POTIGUAR

Hace nueve años, el Prof. Deffilo Gurgel desenvuelve para la Universidad Federal del Rio Grande do Norte, un trabajo de pesquisa, teniendo en vista el rescate del Romancero Ibérico, en tierras Potigüares.

Durante esa pesquisa, los caminos culturales se han diversificado y, además de los muchos romances recolectados, oriundos de Portugal, una gran parcela de romances brasileños fué, de igual manera, recogida.

Reside allí, el mayor mérito de la pesquisa, una vez que, además de registrar algunos romances continentales desconocidos de los estudiosos brasileños, revela por primera vez, la valiosa contribución del Rio Grande do Norte, al Romancero del Brasil, comprendida en el estudio de Luis da Câmara Cascudo "Flor de Romances Trágicos", divulgando romances del cangaço brasileño, y, en la rica producción del poeta-esclavo Fabião das Queimadas, cantando, en diversos romances, la saga del criatório Nordestino.



## DAS AUSÊNCIAS A AUSÊNCIA

À dor do poema Giuliana Dormindo, de Fernando Monteiro

Franco Jasiello

E a ausência se faz única  
presença.

Assim a ferida se cultiva  
como a flor turva da tarde  
na ironia dos novilúnios  
que a limitam  
anônima, mínima  
estrela de umidade e sonho.

E a ausência se faz última  
voz.

Assim o tempo se mutila  
como a ternura da manhã  
no rangido das ferragens  
que a devolvem  
ácida, enferma,  
resumo indiferente e opaco.

E a ausência se faz primeira  
violência.

Assim o sangue se corrompe  
como o início da noite  
nos olhos dos burocratas  
que a aprisionam  
geométrica, cronológica,  
espaço circunscrito e consuetudo.



## DE LAS AUSENCIAS LA AUSENCIA

Traducion para el castellano por el autor.

Al dolor del poema Giuliana Durmiendo,  
de Fernando Monteiro

Y la ausencia se hace única  
presencia.

Asi la herida se cultiva  
como la flor turbia de la tarde  
en la ironia de los novilúnios  
que la limitan  
anónima, mínima  
estrella de humedad y sueño.

Y la ausencia se hace última  
voz.

Asi el tiempo se mutila  
como la ternura de la mañana  
en el rechino de las herrajes  
que la devuelven  
ácida, enferma,  
resumen indiferente y opaco

Y la ausencia se hace primera  
violencia.

Asi la sangre se corrompe  
como el inicio de la noche  
en los ojos de los burócratas  
que la aprisionan  
geométrica, cronológica,  
espacio circunscrito y consuetudo.





# —VIAGEM AO TEMPO DO TEATRO—

Um barracão de palha na atual praça Gonçalves Lêdo, no centro da cidade, foi o primeiro teatro de Natal. A afirmação é do Presidente da Fundação José Augusto e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte, Iaperi Araújo, em entrevista sobre a história do teatro no Rio Grande do Norte. Ele cita o livro do Historiador Luís da Câmara Cascudo, "História da Cidade do Natal". De acordo com as pesquisas de Cascudo, em 15 de setembro de 1841, já funcionavam espetáculos de teatro em Natal.

Somente em meados do século passado surgiu uma casa de exibição. "O teatro no Rio Grande do Norte começou com representações domésticas, com produções locais em galpões, instituições de classes e clubes", declara o Presidente da FJA.

Grandes nomes de escritores pontificaram como autores de peças teatrais, em meados e até o final do século passado. O principal deles foi Luiz Carlos Wanderley, primeiro médico formado no Rio Grande do Norte e escritor. Das peças que publicou, a mais famosa é "A louca da Montanha", que circulou pelo Estado e até hoje, ainda é tema de apresentações de grupos de teatro, em circos.

Uma lei de 1873 deu a João Crisóstomo de Oliveira, comerciante e responsável pela movimentação teatral da época, o direito de edificar um teatro na cidade do Natal, por um

período de vinte anos. Quatro anos depois, o teatro ainda não estava pronto e ele pediu prazo para uma prorrogação dessa lei. Por volta de 1880 estava concluída, inaugurado e funcionando o Teatro Santa Cruz, situado na, hoje, rua João Pessoa, no centro da cidade. Nesse teatro eram apresentadas peças por grupos amadores e pouquíssimas companhias teatrais profissionais apareciam em Natal. Funcionou até o final do século passado, quando em 1894, por ocasião de chuva muito grande, desabou.

Em 1898, o Governador Ferreira Chaves iniciou a construção do teatro na Campina da Ribeira, que era uma área de mangue. O teatro, que seria o futuro Carlos Gomes, foi inaugurado em 24 de março de 1904, já na administração do Governador Alberto Maranhão. Em 1908 Alberto Maranhão voltou ao governo e reconstruiu-o, ampliando-o e reinaugurando-o, em 1912.

Natal sempre teve um teatro muito atuante. Em 1841, já existia um grupo de teatro de amadores, chefiado por Matias Carlos de Vasconcelos Monteiro. Depois de vinte anos apareceu outra companhia, a de Peixoto, em 1861. A Sociedade Recreativa Juvenil é de 1850, a Sociedade Teatral Apolo Rio Grandense é de 1854, a Tália Natalense, é de 1856 e a Sociedade Dramática Natalense é de 1868.

O poeta Joaquim Fagundes, fundou em 1877, a sua companhia e daí para frente, outras companhias

funcionaram até o início do século quando surgiu o teatro Carlos Gomes. A partir daí apareceram mais companhias, como por exemplo o Ginásio Dramático, fundado em maio de 1912 e que funcionou até 1920. Autores teatrais na época eram Francisco Ivo Cavalcante, Virgílio Trindade, Jorge Fernandes, Ezequiel Wanderley, Joaquim Cipião d'Albuquerque Maranhão, que escreviam textos para serem encenados pelos grupos amadores de Natal. Nas décadas de trinta e quarenta, foi muito fraca a produção teatral. Apenas haviam excursões regionais. Até chegar a década de cinquenta e sessenta, onde surgiu Jesiel Figueiredo com seu grupo teatral, "Teatro de Amadores Unidos" e o "Teatro de Amadores de Natal", de Sandoval Wanderley, que é de 1951. Meira Pires fundou o teatro Escola de Natal-TENAT.

O teatro Universitário surgiu na década de sessenta e seguia a linha da União Nacional dos Estudantes - UNE. Era um teatro mais político. eles encenaram a peça "Procura-se uma Rosa", com Irma Chaves e Zé Arruda Fialho. Meira Pires, autor de grande importância do teatro do Rio Grande do Norte, homem que sempre fazia super produções, encenou "Senhora de Carrapicho", "Terra de Arisco" e outros textos de sua autoria. Trazia encenadores de outros estados, como Hermílio Borba Filho, Wilson Maux e Waldemar de Oliveira. Com a revolução de 1964 o teatro





universitário foi extinto e somente em 1966 foi reorganizado com o teatro novo universitário. Atores como Mussoline Fernandes, Woden Madruga e Genivaldo Barros, faziam parte dos grupos de teatro amador. Já o teatro novo teve direção de Margarida Bezerril, Elizabeth Betencourt, Iaperi Araújo, entre outros.

Hoje, funciona em Natal os grupos de teatro, "Teatro Jesiel Figueirêdo", que teve seu próprio teatro e atualmente está fechado, mas tem seu

grupo teatral, "Grupo Picadeiro, dirigido por Carlos Furtado e existem os grupos de teatro de rua, como "Alegria Alegria", "Stabanada", "Estandarte" e os grupos de teatro infantil.

Natal de uma forma geral tem tido uma presença muito efetiva na história do teatro. Não só àqueles que se apresentam no Teatro alberto Maranhão, Teatro Sandoval Wanderley, mas principalmente àqueles que se apresentam nas ruas.

O Teatro de Mossoró, hoje tem uma vitalidade muito grande. O grupo COOCAR - Cooperativa Caiçara de Artistas, teve um teatro, que foi fechado. Atualmente, realiza apresentações no auditório do campus da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, no Cine Cid e no auditório da Reitoria. O último espetáculo feito, baseado no musical de Chico Buarque de Holanda, teve mais de 200 apresentações, numa cidade como Mossoró que tem 200 mil habitantes.

#### VIAJE AL TIEMPO DEL TEATRO

El teatro, "lugar adonde se vá para ver" - (diccionario Aurélio) tuvo su primera casa de espetáculos en la ciudad del Natal, en un barracón de paja. En 1841, ese teatro divertia la comunidad. En pesquisas realizadas por el historiador Luis da Câmara Cascudo son descriptas las etapas, construcciones, compañías y autores teatrales de Natal. El atual presidente de la Fundación José Augusto, en la entrevista, enseña que la ciudad tuvo una presencia efectiva en la historia del teatro apesar de lo tardío en que tales manifestaciones surgieron.

## Teatro Alberto Maranhão Palco da Mostra Ibérica em Natal

O TEATRO ALBERTO MARANHÃO de NATAL, teve sua construção iniciada em 1898, no Governo Ferreira Chaves e inauguração em 24 de março de 1904, no Governo Alberto Maranhão com o nome Teatro Carlos Gomes.

De 1908 a 1912 foi ampliado e reformado utilizando-se materiais nobres como portões, balcões e estátuas importadas da França.

Como única casa de espetáculos teatrais por quase um século, abrigou milhares de espetáculos com os mais importantes atores e atrizes de teatro do país.

Teve outras reformas, com instalação do ar condicionado central no final da década de 70 e restauração após tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado na década de 80.

Fazem parte de Teatro a Orquestra Sinfônica do Estado, a Escola de Danças Integrada e o Coral Canto do Povo.

Durante a mostra de Arte Ibérica em 1993, o Teatro que é dirigido pela Profesora Universitária Selma Meira e Sá Bezerra, recebeu grandes espetáculos como os Grupos A Barraca, Aquilo, Artello, Chévere, O Bando, Ollomol, Monikrekes de Kuka, Marionetes do

Porto, Morcego, Guirigai e Trigo Limpo.

Nas comemorações dos seus 90 anos de atividades, o Teatro que desde a década de 70 recebeu a denominação de Alberto Maranhão em homenagem ao seu maior incentivador, realizou expressivas comemorações, abrindo suas portas a todos os grupos de teatro, realizando seminário sobre dramaturgia, curso de ópera e recebendo grandes nomes do Teatro Nacional como Cláudio Marzo, Renata Sorrah e a bailarina Ana Botafogo, entre outros,



Vista parcial de Natal - A noite - Foto: Richardson sant'anna



# AS RAÍZES IBÉRICAS NO TEATRO DE RACINE SANTOS

Tem muito de raízes ibéricas o Teatro Popular do Nordeste. Aquele Teatro humilde, do povo, mambembe. Calçado sobre o romanceiro ibérico, do conquistador de histórias amorosas e trágicas. Dom Fão, Bernardo e Dona Generva, Carlos Magno e seus pares.

Esta saga maravilhosa transborda do populário das tradições orais das histórias de trancoso para os textos dos dramaturgos do Nordeste brasileiro.

Na atualidade um dos mais fieis às nossas raízes culturais, tem sido Racine Santos.

Ao lado de nomes como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Altimar Pimentel e tantos mais, têm procurado preservar esse fabulário mitológico do povo, na essência de suas aspirações sebastianistas: o reino encantado do Príncipe Encoberto, antevisto por Bandarra.

Em toda sua produção teatral (Maria do Ó, Elvira do Ipiranga, Pedro Malazarte, Festa do Rei, A luz da lua os punhaís, A farsa do Poder, Auto do Natal Nordestino) sente-se a presença velada do povo contando suas histórias, seus dramas, suas críticas, seus sonhos e esperanças.

Sua parceria com o encenador Moncho Rodrigues veio tornar mais explícita a presença ibérica na cultura popular nordestina e no seu texto teatral.

Mudou-se o design cênico, ampliou-se a presença em palco dos personagens e sua importância na trama, sem contudo desvalorizar o texto, que por mais raízes culturais que demonstre é essencialmente nordestino e brasileiro.

O teatro de Racine Santos tem um despojamento semelhante à própria cultura popular. É simples e singelo, ingênuo, até, mas guarda uma enorme densidade dramática e crítica como documentário de nossas caras tradições.

Seus personagens não têm a dimensão de um Otelo, Rei Lear, Ricardo Coração de Leão ou Romeu dos clássicos da dramaturgia, pois têm os pés fincados na tradição nordestina do valentão e do frouxo, do amante amoroso e terno ao safado de muitas mulheres, do



Elvira do Ipiranga de Racine Santos

sabido e do besta, do amarelo, do cabra, do coronel sertanejo e das mulheres que mesmo num papel subserviente como é comum nas histórias populares, em muitos textos se revelam como condutoras da trama teatral.

Se o Teatro do Nordeste brasileiro é diferente do teatro que se escreve e se encena em outras partes do país, por buscar interpretar as coisas do povo, revelando as raízes ibéricas de nossa cultura, o Teatro que Racine Santos escreve, faz e encena tem toda essa magnitude com a grandeza da tradição ancestral que denuncia os sonhos mais recônditos da natureza do nosso povo.

Década de 70

Salão de Atos do Hotel Presidente

Vedado, Havana. Cuba

## COINCIDÊNCIAS

O Prof. José Fernandes Fafe, escritor, pedagogo, pesquisador e primeiro Embaixador de Portugal, depois da Revolução Portuguesa recém-triunfante, pronuncia uma palestra especial, para os brasileiros em Cuba, detalhando o significado e programa perspectivas do Governo da "Revolução dos Cravos" em vários aspectos, incluindo a área cultural. Foi um encontro cuidadosamente preparado pelo Sr. Embaixador, sua esposa Prof.<sup>a</sup> Virgínia Tição de Fafe e pelo Agregado Cultural da missão diplomática, Dr. Antônio Silva. Na ocasião, de maneira sóbria, profunda e mesmo afetuosa, foi enfatizada a amizade e solidariedade do povo português para com o povo brasileiro.

Daquele e de outros encontros, surgiu a tarefa de que fossem feitas traduções, de livros trazidos de Portugal, para serem editados em Cuba - No dizer do Prof. Fernandes Fafe: numa política de divulgação e resgate, além de intercâmbio cultural, no contexto de países de língua Ibérica, como no caso. Do escritor Manoel da Fonseca - um dos nomes mais fortes do neo-realismo português, havia sido trazido o livro "SEARA DO VENTO" que foi entregue a uma mulher do Nordeste do Brasil, naquela época no exílio e trabalhando no Ministério de Educação em Havana, onde residia com seus cinco filhos, o menor deles nascido em Cuba Revolucionária. O livro foi traduzido e publicado pelo Instituto Cubano do Livro, em abril de 1977.

### COINCIDÊNCIA:

"Seara do Vento" é um livro com paisagem e tipos humanos de camponeses do Alentejo, Portugal, com seus costumes, suas aflições, suas lutas peculiares, quase semelhantes às do Nordeste do Brasil, temas tratados em algumas matérias desta edição. Coincidência também, que a mesma pessoa que traduziu o livro naquela época, Maria Cândida de Melo, hoje na Fundação "José Augusto", seja a que trabalhou a tradução-versão dos textos desta Edição Internacional de "O GALO". É um depoimento.



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

LIVRO DE  
POEMAS

JORGE FERNANDES

Parece não existir mais qualquer dúvida quanto à importância de Joaquim Eduvirges de Melo Açucena, conhecido como Lourival Açucena, na condição de primeiro poeta a merecer destaque na história literária do Estado. Também boêmio, músico e cantor, Açucena notabilizou-se por manter como Poder, uma curiosa relação de ódio e amor. Segundo seus biógrafos, já aos doze anos de idade ele que nascera em 1827, foi levado pelo pai a apresentar-se para o Presidente da província, Dom Manuel d'Assis Mascarenhas, que teria ficado fascinado com o seu precoce talento. Depois, o episódio com outro mandatário, Leão Veloso, por conta de uma vaga pleiteada e não atendida na Assembléia Provincial, recusa feita sob a alegação de que não ficava bem para câmara ter um deputado que praticamente levava a vida a cantar... A reação do poeta dá bem a medida de sua irreverência, conforme narrou Henrique Castriciano \*1.

O meu crime é cantar, Excelência? Pois é melhor cantar que rincar e sabeis que não se faz outra coisa na Assembléia!

Lourival, um epígono do arcadismo, com surpreendente cor local e já tocado pelos ventos românticos ("Copada mangueira./Vistosa e faceira,/Que do rio à beira/Se vê florear/Me lembra o dia/De amor e folia,/Que terna ouvia/Marília a cantar. in 'A Uma mangueira'), não chegou a ter livros publicados em vida<sup>2</sup> mas nem por isso teve sua fama diminuída e, para tanto, certamente contribuíram versos como os que se seguem do poema 'A Política', popularíssimos no Estado e que, segundo têm muito a ver com o episódio anteriormente citado:

(...)  
Esses arautos políticos,  
Quer de uma, quer de outra grey,  
Quando estão debaixo, gritam:  
— Viva o povo! abaixo o Rei!  
(...)  
Prometem Casas da Índia,  
Cabedais, mundos e fundos...  
Mas, quando estão no poleiro:  
— Viva Dom Pedro Segundo

## Poeta da Primeira Fila

TARCÍSIO GURGEL

### Condor no céu potiguar

1889 não marca apenas o início da República no Rio Grande do Norte. É também o ano em que, vindo da Bafa, onde fora cursar Medicina, retorna a Natal quem, por assim dizer viria a depor Lourival Açucena do seu reinado: Segundo Wanderley. Dele, o mínimo que se pode dizer, tal como fizera Oswald de Andrade em relação aos parnasianos, é que era uma máquina de fazer poemas. Com uma agravante: uma incontável paixão pelo condoreirismo de Castro Alves. Com a organizada tonitruância dos seus versos, Segundo não irá apenas ofuscar o poeta-boêmio. Torna-se o poeta da preferência da ideologia dominante, que não o dispensará jamais das solenidades cívicas, dos encontros oficiais, onde seja necessário ressaltar a imponentia do Estado. Doutor Segundo (como era reverentemente tratado) tinha embocadura para tanto. A final, chegara com livros publicados e alguns poemas que haviam repercutido em vários pontos do país, como 'Naufrágio do Vapor Bafa' ("Corria a noite a meio; em plácida derrota/Ia um barco a vogar qual célere gaivota") ou o célebre 'O Poeta e a Fidalga' ("Bem sei que tu me desprezas,/Bem sei que tu me aborreces/Que zombas da minhas preces/Com ostensivo desdém;").

Amante do teatro, onde não deixou obra expressiva, Segundo também valeu-se da empostação dramática para homenagear figuras de relevo da sociedade oligárquica, a exemplo do irmão do Governador Pedro Velho, o aeronauta Augusto Severo, cujo balão explodiu em Paris no ano de 1902. 'Tragédia da Glória a que pertencem os dísticos seguintes é um poema dramático típico de sua produção poética mais admirada:

Subir, subir, subir: eis o fatal problema;  
da verdade alcançar a preciosa gema.  
(...)  
Do cosmo penetrar nas insondáveis grutas  
Do Messias vibrando as armas impolutas  
(...)  
Acompanhar do raio a fulva trajetória,  
Chegar no meu corcel aos alcantis da glória,  
(...)

### Henrique, amigo Castriciano

Os Albuquerque Maranhão aqui iniciaram a República com a figura de Pedro Velho. Como todos os grupos familiares que se metem a fazer política, também eles estiveram sujeitos a chuvas e trovoadas administrativas. Também foram acusados de se excederem em relação aos adversários. Também conheceram o esplendor e o opróbrio. Não se poderá, contudo, fazer reparos à contribuição intelectual que deram ao pequeno Estado Potiguar. O irmão Alberto, o genro Tavares de Lyra, todos



intelectuais que contribuíram para a multiplicação de associações literárias, com seus respectivos órgãos de imprensa e, fato certamente avançado para a época, até uma lei de incentivo à publicação de obras de reconhecido valor chegou a existir, a famosa lei 145, de 06 de agosto de 1900.

Em todos os momentos dessa oligarquia é possível enxergar a presença das notáveis figuras dos Castriciano, de Souza, desde que o líder Pedro Velho convocou o primogênito Eloy para torna-se o principal articulador político do esquema. Henrique e Auta irão ocupar posições de reconhecido destaque na poesia local, devendo-se ressaltar que aqui se dispensa o uso da relação causa-efeito, sendo plenamente justificável que ainda hoje estejamos a falar dos dois. E no caso de Henrique, com um acréscimo que serve para dimensioná-lo humanamente. Tendo o privilégio de estar junto ao poder e de exercê-lo, eventualmente, com Secretário e até Vice-Governador, disso valeu-se para ajudar colegas que estavam a se iniciar na literatura provinciana. Apresentações, que produziu como bênção, a inúmeros livros de estreia; orientação informal das literaturas iniciais do jovem Lufs, filho do grande amigo, o coronel Cascudo(4); mas, sobretudo, a terraplenagem dos preconceitos que a elite intelectual tinha para com o humilde poeta Ferreira Itajubá são marcas de sua decência intelectual.

Quanto à poesia que produziu é possível dizer-se que, em que pese um ou outro poema menor, escrito ao sabor das circunstâncias, entre as quais claramente se incluía a pressa de indispensável colaborador dos muitos periódicos da terra, pode-se, enfim, dizer que foi o primeiro dos nossos poetas a, conscientemente, preocupar-se com inovações estéticas. Há uma visível evolução do romântico *Ruínas* (1898) para o parnasosimbolista *Vibrações*, (1903), onde surge um Castriciano cético, leitor de Nietzsche e Shopenhauer, quase blasfemo, como se pode ler neste quarteto do soneto 'Nada':

Quanto mais sofro mais descreio.  
Agora Cheguei ao céu da Dúvida Suprema.  
E é a existência para mil a algema  
Que rouba o condenado à luz da aurora

ou, surpreendentemente erótico, neste 'Flor de Carne' que dedicou ao amigo José Vieira:

Dizem que a essência da papoula mata  
Embebedando lentamente; um vinho  
Que nos enche de gozo e de carinho  
Mas que os laços da vida nos desata...

Como um rumor de abismo ou de cascata,  
A Morte sai da flore e, em seu caminho,  
Agita as asas, qual um passarinho...  
Dizem que a essência da papoula mata.

Tu me recordas essa flor vermelha,  
Rosa lasciva, onde cintila a abelha  
Do meu desejo, n'um lascivo treno.

A polpa de teu lábio evoca um pomo  
De aromas cheio, mas tão falso como  
Uma papoula cheia de veneno...

#### Auta, Paixão e Morte

Esguia, feiosa, tísica e poeta cheia de talento. A única mulher entre os irmãos Castriciano, apaixonada os leitores da passagem do século. Num dos importantes periódicos de então, "A Tribuna", tem comemorado o seu aniversário de 1899 com destriado registro de primeira página, assinado pelo colaborador Z.A. ou seja: o futuro governador Alberto Maranhão. Após assinalar o próximo lançamento do seu único livro, *Horroto*(5), ressalva que a aniversariante expõe-se, mercê do seu talento, "...ao pasmo admirativo dos que até há pouco julgavam a nossa terra improdutiva no campo superior da grande poesia." Justificada admiração. Afinal, desde o lançamento da revista, dois anos antes, Auta comparecia com regularidade às suas páginas, numa seção gostosamente denominada "Salão

Róseo", onde lançou vários poemas, entre os quais, o notável 'Agonia do Coração', onde reflete sombria: "Estrelas fulgem da noite em emio/ Lembrando círios louros a arder.../ E eu tenho a treva dentro do seio.../Astros! velai-vos, que eu vou morrer!".

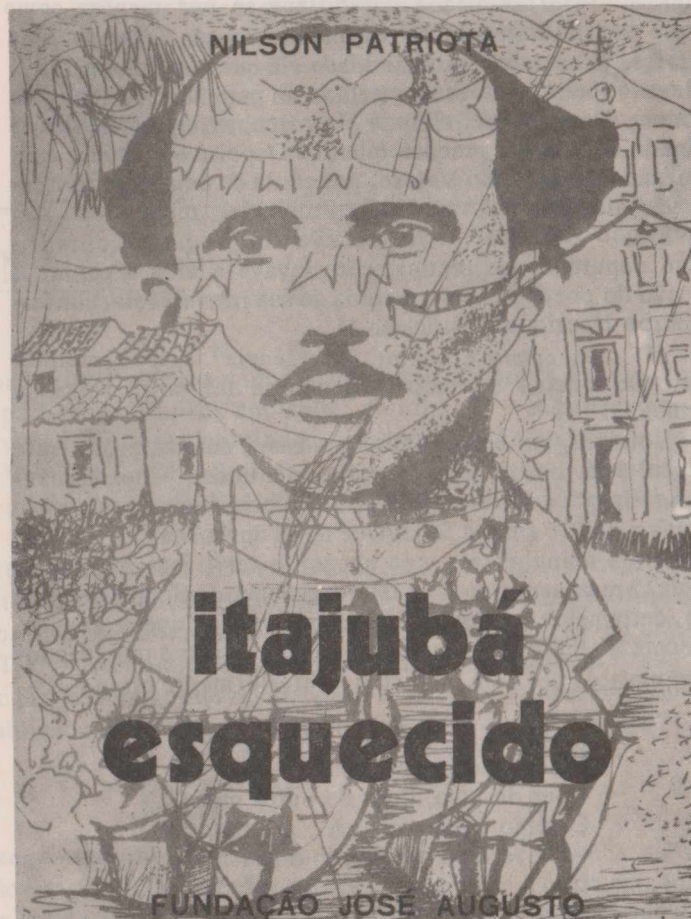
Diferentemente do irmão Castriciano, que caminhou, no sentido de uma como acabamos de ver, no sentido de uma postura mais cética, Auta vai enfatizar um sentimento de morte e a sua angustiante impotência diante desse fado, na melhor poesia que escreve. Mas se utiliza de uma atitude mística nos poemas produzidos sob essa perspectiva, que, aliás, enriquecera metaforicamente o próprio título do livro, em cuja primeira versão era certamente menos denso: *Dhalias*. O fato é que o temor da morte, a angústia da fragilidade terrena e o apelo à solidariedade são sentimentos inseparáveis dessa moça que não consegue entender porque lhe coube sorver cálice tão amargo. Como o demonstra, sobejamente, o magnífico soneto 'Lágrimas':

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza  
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,  
Parece vir de alguma fonte amara  
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste na agonia presa,  
Não compreende esta ventura clara,  
Essa harmonia maviosa e rara  
Que ouve cantar além, pela devesa.

Eu não sei o que tenho... Esse martírio,  
Essa saudade roxa como um lírio,  
Pranto sem fim que dos meus olhos corre,

Aí, deve ser o trágico tormento,  
O estertor prolongado, lento, lento,  
Do último adeus de um coração que morre...



Escritor Ferreira Itajubá







Guardadora de sonhos...  
Pra madorna ao meio-dia...  
Grande... côncava...  
Lá no fundo dorme um bichinho:  
— Ô...ô...ô...ôô...ôôôôôôôôôô...  
— Balança o punho da rede pro; menino dormir...

### Zila, Sertão e Mar

Com Zila Mamede a poesia do Rio Grande do Norte atinge o seu melhor nível. Rigorosa no exercício do seu poetar, a menina originária do sertão paraibano de Nova Palmeira deixará em nossa literatura, as marcas de uma produção que corresponde a um duro aprendizado a que não faltou, sequer, uma amarga experiência: a de, poeta iniciante, quase adolescente, ser alvo da crítica do também poeta Antônio Pinto de Medeiros, o terror da mediocridade provinciana, na coluna que este mantinha na imprensa local, com o significativo nome de "Santo Ofício". Anos depois, seria seu editor...

Para chegar a sua depurada poesia a poeta passou pela pobre infância sertaneja e teve a sua timidez estigmatizada por comentários infelizes de professoras primárias, até consolidar definitivamente sua solidão num colégio de freiras, em Natal. O pai, zeloso e prático, propunha-lhe alegria. E é curioso observar, neste ponto, que uma ruidosa festa de carnaval acaba se tornando cenário longínquo, impreciso, para o surgimento definitivo da poeta. É num desses momentos em que, veraneando em casa de amigos na praia de Areia Preta, ela se afasta do grupo, avança na direção do mar e, aos poucos deixando-se envolver pela massa líquida, num instante de absoluta iluminação vê nascer, quase toda a 'Canção do Sonho Oceânico'(11)

(...)

Empossei-me dos caminhos  
Convergentes para o mar.  
Três dias nasci areias  
depois, conchas esquecidas  
na memória dos rochedos  
que julgavam ser navios  
carregados de luar.

Fui areia, agora, búzios  
Chamando os ventos do mar.  
Quando me senti sargaços  
pedi às algas tranquilas  
que me emprestassem coroas,  
e vestindo lenda e sal  
arranjei sete concertos  
na paisagem mineral.

(...)

Esta iniciação poética ligada definitivamente ao elemento mineral propiciará a Zila Mamede a definição daquilo que poderíamos chamar de pólos fundadores de sua obra: pois se já existiu o sertão com sua infância a ser registrada surgia agora o mar, com sua excitante descoberta. Num terceiro momento, já tocada pelas conquistas de uma poesia engenhosa-

mente construída, a de João Cabral de Melo Neto (uma das suas paixões literárias, juntamente com Bandeira e Câmara Cascudo) é que surgirá a cidade com terreno para novas expressões de sua poesia.

A principal poeta do Rio Grande do Norte teve seis livros de poesia publicado em vida: *Rosa de Pedra* (1953); *Salinas* (1958); *O Arado* (1959); *Exercício da Palavra* (1975); *Corpo a Corpo* (1978); todos reunidos num volume, *Navegos*, que ela pessoalmente organizou e fez publicar pela Editora Vega, Belo Horizonte, neste último ano. Em 1984, publicou *A Herança*, em Recife, pela Edições Pirata. Além destes, contam-se ainda: *Luís da Câmara Cascudo — 50 anos de Vida Intelectual*, de 1970, pela Fundação José Augusto (Natal) e, postumamente, *Civil Geometria*, *Bibliografia anotada de João Cabral de Melo Neto*, abrangendo 40 anos, de 1942 a 1982, pela Nobel/Edusp/INL/Vitae/Governo do Estado do RN.

A seguir, dois momentos da poesia de Zila Mamede, onde ressalta aquela preocupação com o verso depurado. De *O Arado*, aquele que é, certamente, um dos melhores livros de poesia do Rio Grande do Norte:

### Bois Dormindo - I

A paz dos bois dormindo era tamanha  
(mas grave era a tristeza do seu sono);  
E tanto era o silêncio da campina  
Que se ouviam nascer as açucenas

No sono os bois seguiam tangerinos  
que abandonando relhos e chicotes  
tangiam-nos serenos com as cantigas  
aboiadeiras e um bastão de lírios.

Os bois assim dormindo caminhavam  
destino não de bois mas de meninos  
libertos que vadiassem chão de feno;

e ausente de limites e porteira/  
aquitetassem sonhos (sem currais)  
nessa paz outonal de bois dormindo.

E, encerrando estes comentários, o denso, compacto, surpreendente 'A Ponte', signo riquíssimo da sua poética, metáfora, mesma, de sua proposta de criação artística, pois estrategicamente temos a voz poética sendo emitida do plano de um equipamento urbano construído para ligar duas margens. E a poeta disposta a chegar a uma delas, A que leva ao Sertão, ou a que aponta no sentido do oceano?

- Tarciso Gurgel é escritor e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## Lírica Potiguar Tradición & Inovación

La poesía del Rio Grande do Norte, tiene una fuerte tradición, iniciada con el reconocimiento, todavía en el Imperio, del nombre de Lourival Açucena. En el viraje del siglo, bajo la égida de una oligarquía, a la cual no se podrá negar el mérito de la sensibilidad artística, la poética potiguar conoce un momento de rica producción. Multiplicación de asociaciones culturales y sus respectivos órganos de prensa Y poetas, alcanzan extraordinaria popularidad, algunos se acercando a la categoría del mito, tamaño la riqueza de sus cortas existencias y la belleza de sus versos, caso de Ferreira Itajubá y Aute de Souza. Sin embargo, es indudablemente con Jorge Fernandes (en 1927) y Zila Mamede (1953) que la poesía potiguar da un salto definitivo, adquiriendo estatuto de renovación y calidad, por la precisión de las construcciones poéticas. Es lo que pretendo demostrar con ese trabajo, punto de partida para futuras incursiones que incluirán por supuesto, otros poetas.



# A Importância da Arquitetura Ibérica no Rio Grande do Norte

JEANNE FONSECA LEITE NESI

A partir do século XV, os habitantes da Península Ibérica, beneficiados pela sua privilegiada posição geográfica, lançaram-se ao mar, conquistando assim novos territórios, onde fundaram diversas colônias.

Em 1500, os portugueses descobriram o Brasil e, em agosto do ano seguinte, chantaram o primeiro marco de posse em território brasileiro, no atual município de Touros-RN. Iniciava-se, então, a colonização brasileira, que foi um processo muito lento, começando com a construção de feitorias, seguida pelo sistema de Capitania Hereditárias e do Governo-Geral.

Pode-se afirmar que até a ocorrência da independência política, verificada em 1822, a produção arquitetônica brasileira é de importação Ibérica.

Em 1532, ano em que ocorreu a criação das Capitanias Hereditárias, o território correspondente ao atual Estado do Rio Grande do Norte achava-se incluído na IX Capitania, com a qual foram agraciados João de Barros e Aires da Cunha.

Os piratas franceses, após sua expulsão dos territórios do sul do país, passaram a atuar na Capitania do Rio Grande, onde nutriam relações comerciais com os indígenas.

No primeiro século da colonização brasileira, os portugueses atravessaram uma fase de tradição em seu país, com a dominação espanhola.

Em 1597, o rei Filipe II da Espanha e I de Portugal, determinou a organização de uma expedição para expulsar os franceses da Capitania do Rio Grande (então convertida em uma capitania real). A expedição também teria a missão de construir uma fortificação, na barra do Rio Grande (Potengi) e, posteriormente, fundar uma cidade nas suas proximidades.

Em 25 de dezembro do mesmo ano, chegava à barra do rio Potengi, a armada composta de 14 navios, que traziam 400 homens sob o comando do Capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem, a fim de dar-se início à operação de conquista do território.

O projeto de construção do forte foi confiado ao jesuíta espanhol, padre Gaspar de Samperes. Em menos de 6 meses de trabalho a fortaleza, cujas obras foram iniciadas a 6 de janeiro de 1598, foi considerada em "estado de defesa", em 24 de junho.

Foi então a Fortaleza dos Reis Magos o marco da colonização do Rio Grande, a primeira obra de engenharia edificada na Capitania e que resiste até os dias atuais.

Até então, a arquitetura no Rio Grande atendia apenas à necessidade de abrigo (ocas indígenas).

A Fortaleza dos Reis Magos foi originalmente construída de taipa e sofreu, nos anos seguintes a 1598, vários melhoramentos, dos quais o mais importante foi o revestimento com pedras, de suas precárias muralhas, muito vulneráveis à ação de fatores destrutivos.

O padre Gaspar de Samperes, sob a influência das teorias arquitetônicas renascentistas, introduziu no seu projeto destinado à construção da Fortaleza dos Reis Magos, a concepção antropomorfa dos italianos. Traçou ele uma planta, estrategicamente assemelhada a uma estrela com cinco pontas, o que permite observar o inimigo por, pelo menos, dois ângulos ao mesmo tempo. A origem portuguesa, porém, é visível na proporção dos edifícios contruídos no interior do forte e na relação entre cheios e vazados.

Em 1603, Francisco Frias de Mesquita chegou ao Nordeste brasileiro, após sua nomeação pelo rei de Portugal, de "Arquiteto-mor para as partes do Brasil". Português de espírito conservador, Francisco Frias, inspirado no renascimento italiano, construiu as partes internas restantes da fortificação.

Em 1630, a Fortaleza dos Reis Magos já era mencionada como achando-se totalmente construída. A arquitetura desenvolvida na Capitania do Rio Grande, no início da colonização, é



Igreja de Santo Antônio

considerada sincrética, em que se conjugam os métodos portugueses de construção com os materiais disponíveis na terra, utilizados nas edificações indígenas.

As construções seguiam o partido português de plantas retangulares, com telhado de duas águas, geralmente coberto de palhas ou ramos de folhas secas. E, assim, os colonizadores ergueram as primeiras casas no Rio Grande, observando a utilização dos recursos locais nas ocas indígenas.

A fundação da Cidade do Natal, a capital do Rio Grande do Norte, ocorreu possivelmente em 25 de dezembro de 1599. A nova cidade foi conhecida por diversas denominações: Cidade dos Reis, Cidade de Santiago, Cidade do Rio Grande e, finalmente, Cidade do Natal. Esta última denominação só vem aparecer em documento de 1614.

O ponto tradicional da fundação da cidade é aquele que corresponde à atual praça André de Albuquerque, onde foi construída uma capelinha de taipa coberta de palhas, local onde foi celebrada a missa de fundação da cidade.

Os colonizadores repetiram os esquemas arquitetônicos e urbanísticos ibéricos. O local escolhido para a construção da cidade seguiu a tradição lusitana de cidades em acrópole, com a finalidade de garantir maior segurança aos seus habitantes.

Apesar da Cidade do Natal ter nascido sem planificação prévia, foi seguido o traçado urbanístico das cidades medievo-renascentistas da Europa, à medida em que os obstáculos naturais assim o permitiam. A povoação surgiu no entorno da capelinha, em ruas que procuravam a uniformidade. As residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas, tinham suas paredes laterais edificadas sobre os limites dos terrenos, os quais eram geralmente estreitos e profundos.

A técnica construtiva mais utilizada na edificação das casas natalenses, foi a de pau-a-pique, que consiste na construção de uma estrutura de madeira, com paredes formadas por um entrelaçado de paus, sobre o qual é batido, à mão, o barro molhado. Atualmente a mesma técnica construtiva ainda é utilizada no Nordeste brasileiro.

A taipa-de-pilão, muito conhecida na Península Ibérica, especialmente no sul de Portugal, não encontrou boa acolhida aqui, principalmente pela inadequação do solo. Escavações arqueológicas recentes comprovaram a existência de alicerces pertencentes às ruínas de uma casa edificada no primitivo núcleo urbano de Natal, cuja técnica construtiva utilizada foi a de taipa-de-pilão.

A invasão flamenga, em 1633, interrompeu bruscamente a evolução natural da cidade recém-fundada.

Após a expulsão dos holandeses, Natal reformulou sua arquitetura, embora ainda predominassem os cheios por todo o século XVII, exprimindo a necessidade de defesa, em função da precária segurança oferecida à Colônia.





Casa de Fazenda NO Seridó

A primitiva capelinha da cidade, incendiada pelos invasores flamengos, foi reconstruída sob os cuidados do padre Leonardo Tavares de Melo. A atual igreja-matriz não conserva mais nenhuma característica de sua feição original. A fachada apresenta em seu corpo principal, três portas superpostas pelo mesmo número de janelas, todas assentadas em vãos de arcos ogivais, que substituem os antigos arcos abatidos. Recebeu ela acréscimos posteriores, como naves laterais, galerias superiores, coro e torre. Internamente apresenta arco cruzeiro de pedra e seis arcadas laterais de alvenaria que ligam a nave principal às laterais, superpostas por igual número de tribunas guamecidas por grades de ferro. Possui altares colaterais construídos em 1909; que não apresentam o mesmo desenho encontrado no altar-mor.

A segunda igreja edificada na cidade é a de nossa Senhora do Rosário dos Pretos, cuja data de fundação é desconhecida. Em 2 de julho de 1714, o vigário de Natal, padre Simão Rodrigues de Sá, requeria "terras devolutas defronte do cruzeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário...", indicação de que, naquele ano, já existia o templo. Trata-se de uma edificação de relevante interesse histórico e arquitetônico, construída pelos negros escravos, constitui-se da capela-mor, nave, ala lateral, coro, sacristia e torre.

A fachada principal da igreja apresenta linhas simples, com frontispício de inspiração barroca, com curvas e volutas sem elementos decorativos dignos de relevo.

O controverso estilo barroco marcou a nossa arquitetura religiosa colonial. Ele surgiu como uma reação ao Academismo Renascentista na Europa do século XVII. Atribui-se esta influência artística aos Jesuítas, pois foi a Companhia de Jesus uma das mais poderosas forças da Contra-Reforma e a responsável pela construção do Gesu, sua igreja em Roma, marco inicial do movimento barroco.

No Rio Grande do Norte os Jesuítas desenvolveram, mesmo antes do período de dominação holandesa, um trabalho de significativa importância entre os indígenas Potiguares. Entre os anos de 1679 e 1755, os Jesuítas construíram um majestoso conjunto arquitetônico composto de igreja e hospício, no antigo Aldeamento de São Miguel do Guajiru.

A igreja foi, talvez, o mais belo templo barroco da capitania. Edificado de pedra e cal, o templo era constituído de capela-mor, naves, coro, galerias superiores e sacristia. O frontispício da igreja, de perfil revolteado barroco, era arrematado por dois coruchéus e apresentava na parte central um nicho encimado pela cruz. Possuía três portas de acesso, e três janelas ao nível do coro, todas elas assentadas em vãos de arcos abatidos, com cercaduras e adornos de pedra. Segundo o historiador Lufs da Câmara Cascudo, "A Igreja severa e nobre, veio desmontada, com as pedras com números e foi armada soberba, com alto frontão...". Tudo leva a crer que os Jesuítas trouxeram de Lisboa as peças de pedra esculpida, para servirem de revestimentos, ornatos, arcos e cercaduras das portas, todas prontas para serem montadas no próprio local da obra.

A Companhia de Jesus foi forçada a abandonar a igreja e o hospício, por força do Alvará de 8 de maio de 1758, que determinou a expulsão dos Jesuítas de todo o reino português.

Em 3 de maio de 1760, a Aldeia de São Miguel do Guajiru passou ao "status" de vila, sob a denominação de Vila de Estremoz. O nome Estremoz provém de Tremoço, o fruto da tremoeira. O topônimo escolhido originou-se da cidade do mesmo nome, existente no Alto Alentejo, em Portugal. Outras vilas fundadas à mesma época, no Rio Grande do Norte, seguiram a mesma orientação, surgindo então Vila Flor, Arez, Portalegre...

Hoje, daquele magnífico conjunto arquitetônico, restam apenas as ruínas, testemunhas mudas do trabalho desenvolvido pelos padres da Companhia de Jesus, que aqui estiveram e ajudaram na construção da Capitania do Rio Grande.

Outros templos no estilo barroco foram construídos na capitania. Dentre eles destacam-se, pela sua majestade e beleza, a Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante e a Igreja de Santo Antônio, em Natal.

Também conhecida como Igreja do Galo, a Igreja de Santo Antônio foi o terceiro templo católico construído em Natal e o mais belo de todos. Está localizado no centro da cidade, integrando um harmonioso conjunto arquitetônico, de relevante valor.

As obras de construção da igreja foram concluídas no 3º quartel do século XVIII. Possui uma fachada emoldurada por cunhais de pedra de arenito e cimbalha de massa. O seu frontispício, de perfil barroco, tem no centro um óculo entaipado e guarnecido por uma graciosa grade confeccionada da massa.

O templo apresenta, no seu interior, o arco cruzeiro de pedra de arenito, retábulo e dois altares, entalhados em madeira, em estilo sóbrio, caracterizando uma linguagem própria do Renascimento, especialmente aquele cultivado na Espanha.

No século XVIII, Dom José I, rei de Portugal fixou, através de carta-régia, a padronização nos terrenos e partidos arquitetônicos (plantas e técnicas construtivas), visando garantir uma aparência portuguesa às vilas fundadas na colônia.

A cidade crescerá em volta de uma praça retangular, tendo em dos lados menores a igreja, dela partindo duas ruas em linha reta, formadas pelo alinhamento das casas, que deveriam ser construídas todas na mesma altura. No interior da praça seriam chantados um cruzeiro e o pelourinho, simbolizando os dois poderes: Eclesiástico e civil.

Observa-se nitidamente essa prática na criação de Vila Flor-RN, instalada em 10 de outubro de 1762, na antiga Aldeia de Igramació, missionada pela Ordem Carmelita da Reforma.

A instalação da vila foi presidida pelo desembargador Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, o mesmo que determinou as medidas da imensa praça, ainda hoje existente. A praça foi demarcada a partir da capelinha, já edificada. Foram também determinadas à construção das casas que abrigariam aqueles que pretendessem residir na nova vila. Tais casas ocupariam terrenos com 6, 60 m de frente por 13, 20 de fundos, com mais 22 m para quintal (medidas convertidas ao Sistema Métrico Decimal).

O pelourinho, construído de pedras e cal, foi chantado três dias antes da instalação da vila. Demarcada a praça, já com a presença da igreja e do pelourinho, foi então reservada uma área equivalente a 13,20 m em quadrado, para ser nela construída a Casa da Câmara e Cadeia, edificação até os dias atuais.

A Cidade do Natal possui um exemplar típico de residência colonial. Trata-se do primeiro sobrado particular construído na cidade. Está localizado no centro da cidade, tendo sido iniciadas suas obras em 1816, com conclusão em 1820. Constitui-se a única residência do período colonial, ainda remanescente na paisagem urbana de Natal.

O "Sobradinho", como é conhecido o prédio, ainda guarda o aspecto acolhedor das antigas casas coloniais. Acha-se implantado no alinhamento da calçada, com partido de planta retangular, desenvolvido em dois pavimentos. A fachada principal do prédio está emoldurada por cunhais de massa e beiral corrido, com extremidades em "cauda de andorinha", arrematado por cimbalha. Possui uma porta de acesso e duas janelas rasgadas ao nível do térreo. No pavimento superior há duas janelas, com os encaixes de guilhotina, ladeando uma sacada central com guarda-corpo de ferro. Todos os vãos possuem arcos abatidos e cercaduras de



massa. A fachada lateral apresenta uma singularidade: parte da estrutura do telhado desce em acentuado declive, desde a sua cumeeira até a parte inferior, lembrando um véu nupcial. Daí o apelido de "A Noiva", com que também foi mimoseado o prédio.

A maioria das casas construídas na zona rural, desde o período colonial, especialmente aquelas edificadas na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, derivam do modelo português. Possuem elas, em sua maioria, alpendre frontal propiciando sombra à parede externa e definindo espaços abertos, característicos especialmente da região do Minho em Portugal.

O século XIX inicia trazendo grandes transformações sociais, políticas e culturais para a colônia. Dom João VI havia assumido o trono de Portugal em 1792, em substituição à sua mãe D. Maria I, que se encontrava enferma e impossibilitada de governar o reino. A Europa encontrava-se em um momento de grande agitação política, com a França e a Inglaterra disputando o controle do mercado.

Em 1807, os exércitos napoleônicos invadiram Portugal, motivando a partida da corte lusitana rumo ao Brasil. A comitiva real, composta de 15.000 pessoas, chegou ao Brasil e instalou-se no Rio de Janeiro.

O rei determinou a abertura dos portos nacionais às nações amigas, possibilitando a integração do Brasil ao mercado mundial, fato este que favoreceu a importação de equipamentos capazes de modificar os sistemas construtivos de então.

Surgiu no país uma nova tendência artística, em voga na Europa desde o final do século XVIII, o neoclássico. O novo estilo chegou ao Brasil trazido pela Missão Artística Francesa, em 1816. A proposta do neoclássicismo era a de reviver a arquitetura clássica, cuja pureza havia sido olvidada. O neoclássico ordenava as composições arquitetônicas simétricas, em que as fachadas eram divididas em grandes painéis, emoldurados por colunas e cimalhas, acolhendo vãos bem ritmados. Todo o conjunto arquitetônico do edifício era coordenado pelo frontão triangular, herdado dos templos gregos.

O objetivo de D. João VI, com a vinda da missão Artística Francesa, era fundar na colônia uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, para formar profissionais capacitados a tornar a vida na colônia semelhante àquela que a corte na Europa.

Joaquim Lebreton, o chefe da missão no Brasil, fundou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, tornando-se o seu primeiro diretor. Com o falecimento de Lebreton, em 1819, a direção da Escola foi entregue ao pintor português Henrique José da Silva.

O neoclássico tornou-se o estilo oficial do Brasil Império e foi acolhido em todas as províncias, modernizando as novas edificações, sem a preocupação de adaptar os materiais e técnicas importados, às características da nossa região. Foram inclusive, desprezadas a vocação natural do Brasil e a cultura do nosso povo.

No Nordeste, neoclássico foi introduzido pelo conde da Boa Vista, durante a sua fértil administração em Pernambuco, que durou quase trinta anos.

Os padrões impostos pelo neoclássico imprimem equilíbrio às edificações, que são sempre marcadas pela simetria. O neoclássico atravessou todo o século XIX e deixou alguns exemplares significativos, ainda existentes no Rio Grande do Norte, especialmente em Natal.

O prédio da atual Casa do Estudante foi construído em 1856, para nele funcionar o Hospital de Caridade. Nele foram instalados, também, a Escola de Aprendizes Artífices e o Quartel do Batalhão Policial de Natal.

O prédio do antigo Palácio do Governo, na Rua Chile, foi construído na década de 1860, pois, em 1869 o presidente da província, Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque transferiu para ali a sede do governo provincial. Trata-se de uma edificação majestosa, de relevante interesse arquitetônico, desenvolvido em três pavimentos.

O prédio do Palácio do Governo, na Cidade Alta, foi construído em 1866, no local onde existia o edifício em que funcionava a Assembléia Legislativa e a Tesouraria Provincial. O palácio foi inaugurado em 17 de março de 1873 e continuou abrigando a Tesouraria



Fazenda na Região Agreste Potiguar

Provincial até 10 de março de 1903, quando o então governador do Estado, Alberto Maranhão, transferiu a sede do Executivo para aquele prédio.

O edifício da antiga Tesouraria de Fazenda foi construído em 1875, no local onde existira o prédio do Real Erário, construído no final do século XVIII. Sofreu acréscimo no início do século atual, obedecendo ao mesmo estilo neoclássico adotado por ocasião da reconstrução de 1875. Desde 1987, funciona como Memorial Câmara Cascudo, abrigando fotos, livros, depoimentos e reportagens sobre o ilustre norte-rio-grandense, Luis da Câmara Cascudo, que tão bem soube defender e divulgar o nosso Patrimônio Cultural.

O prédio da antiga Capitania dos Portos, construído no final do século passado, funcionou como Escola de Aprendizes Marinheiros e, depois, como Capitania dos Portos até 1972. Permaneceu desocupado durante 20 anos, fadado à destruição pela ação do tempo e pelo abandono. No seu lugar foi construída, recentemente, a Capitania das Artes, preservando-se a fachada principal do prédio, que era tudo o que restava da primitiva edificação.

O prédio do atual Centro de Turismo de Natal foi construído no final século passado, ampliado em 1911, e novamente ampliado e transformado em presídio, em 1945. Em 1976, o edifício foi restaurado, passando então a funcionar como Centro de Turismo, adaptado ao atendimento dos vários serviços de apoio à área de turismo.

O prédio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foi o último exemplar da arquitetura neoclássica construído em Natal, em 1906. Trata-se de uma das mais significativas edificações que a cidade preserva. Possui fachadas dotadas de frontões curvos e triangulares, e platibanda com balaustrada arrematando o coroamento das paredes. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte é a mais antiga instituição cultural do Estado, sendo ademais o repositório e defensor das nossas tradições históricas. A sua biblioteca forma uma preciosa coletânea de estudos sobre o Brasil e, particularmente, sobre o Rio Grande do Norte, possuindo cerca de 25.000 volumes. Possui também uma coleção de jornais, revistas e fotografias. O Instituto abriga no seu interior, dentre outras peças, a primitiva pia batismal da Matriz de Natal; a escola do Padre Miguelinho, o mártir e herói da Revolução de 1817; os paramentos do Padre João Maria, a quem o povo potiguar consagrou como santo; o primeiro telefone instalado em Natal: o cofre da Provedoria Real da Capitania do Rio Grande, do início do século XVIII. O Instituto também guarda o mais valioso acervo documental do Rio Grande do Norte, com manuscritos contemporâneos da Restauração Portuguesa, ocorrida logo após a expulsão dos holandeses. Incrustados na parede externa, à entrada do prédio existem dois brasões: um do Brasil República e outro, do Brasil Império. Na mesma entrada do prédio, ainda existe um velho pelourinho, de 1732, transferido da antiga Rua Grande, em Natal, onde estava implantado, em frente à velha Casa da Câmara e Cadeia.

No período republicano foi alterada a linguagem formal portuguesa, predominando o ecletismo na arquitetura nacional, quer na persistência dos estilos neoclássico, neo-colonial ou ainda com maior requinte, no "art nouveau". O melhor exemplar da arquitetura "art nouveau", em Natal, é o Teatro Alberto Maranhão.





Igreja de São Gonçalo do Amarante

O teatro foi inaugurado, na sua primeira fase, em 24 de março de 1904, ostentando o estilo chalé com telhado de duas águas, oposto àquele da tradição portuguesa, o que acompanhava o gosto artístico da época. Com essa configuração, o teatro permaneceu durante seis anos. Em 1910, o edifício foi totalmente reformado pelo arquiteto Herculano Ramos. Naquela reforma, foram aproveitados apenas as paredes laterais e o material de demolição. As obras se prolongaram por quase dois anos. Finalmente, aos 19 de julho de 1912, o arquiteto Herculano Ramos fazia a entrega do novo prédio ao governador Alberto Maranhão. O teatro foi reconstruído em dois pavimentos, exibindo uma fachada robusta, com cinco portões de ferro fundido em Paris, superpostos por um igual número de janelas rasgadas, guarnecidas com grades de ferro. Sua cobertura apresentava-se arrematada pela platibanda coroada com elementos de metal, jarros e estátua, todos importados da França. O teatro permanece com essa feição, até os dias atuais. Observa-se perfeitamente, na construção do teatro, o aperfeiçoamento técnico e a incorporação dos benefícios oferecidos pela sociedade industrial.

As residências construídas no início do século XX, em Natal, já começavam a apresentar uma implantação afastada dos limites laterais e frontal do terreno, protegidas do exterior por grades e portão de ferro. O acesso à casa era geralmente feito pela fachada lateral. Apresentavam as paredes externas recobertas por decoração de massa e larga utilização de elementos metálicos, características do estilo eclético. Em Natal, pode-se considerar como símbolo do ecletismo, o casarão nº 479 da Avenida Deodoro, construído em 1916, para servir de residência ao abastado comerciante Irineu Pinheiro. Aquela casa ainda conserva alguns vidros nas janelas, especialmente encomendados para ela, com as iniciais IP do seu primeiro proprietário.

A evolução arquitetônica no Rio Grande Norte sofreu influência de todos os acontecimentos e movimentos ocorridos no Brasil. Foi até o final do século XVI, exclusivamente nativista, com o único objetivo de atender à necessidade de abrigo. O período compreendido entre o início da colonização até a chegada

da Missão Artística Francesa ao Brasil, caracterizou-se como uma arquitetura sincrética, em que eram utilizados os recursos e materiais disponíveis na região, aliados às técnicas construtivas ibéricas. A partir da criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, observa-se a influência acadêmica nas novas edificações. Finalmente a arquitetura no Rio Grande do Norte e no Brasil volta a sofrer influência nacionalista, a partir do movimento modernista, fortemente assinalado pela Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e a Revolução de 1930. O objetivo da Semana de Arte Moderna era a busca de uma expressão nacionalista independente, um retorno à terra e ao povo.

O novo regime político adotado no Brasil, com a Revolução de 1930, atingiu profundamente a vida social do país, trazendo uma proposta renovadora a todos os setores.

Natal, a capital do Rio Grande do Norte, antecipou-se ao movimento modernista nacional, com a criação do primeiro plano urbanístico para a cidade, através da Revolução Municipal nº 15 de 30.12.1901, que criou a Cidade Nova, compreendendo os bairros do Tirol e Petrópolis. O plano traçado pelo arquiteto Antônio Polidrelli previa a abertura de três largas avenidas paralelas, com as denominações dos Presidentes da República: Deodoro, Floriano Peixoto e Prudente de Moraes; cortadas por seis ruas que receberiam os topônimos de rios potiguares: Seridó, Potengi, Trairi, Mipibu, Mossoró e Assu; e ainda, duas praças, denominadas Municipal e Pedro Velho.

Em 1929, o prefeito Omar O'Grady contratou o arquiteto Giacomo Palumbo para elaborar o Plano de Sistematização para Expansão Urbana de Natal, de acordo com os preceitos urbanísticos de então. O Plano compreendia quarteirões administrativos, comerciais, industriais, cidade recreio e bairros residencial e operário, com indicação e localização da iluminação pública, viação urbana, arborização, passeios, monumentos, abrigos, jardins e praças públicas, locais para feiras, mercados, matadouros, cemitérios e demais estabelecimentos municipais.



Palácio Potengi (sede do Governo)

## INFLUENCIA DE LA ARQUITECTURA IBÉRICA EN EL RIO GRANDE DO NORTE

Todas las manifestaciones sócio-culturales y políticas ocurridas en el Brasil, han influenciado de manera significativa la arquitectura exclusivamente nativista, con el único objetivo de atender a la necesidad de abrigo (chozas indígenas).

El período comprendido entre el inicio de la colonización hasta la llegada de la Misión Artística Francesa al Brasil (1598-1816), se caracterizó como una arquitectura sincrética, en la cual se utilizaban los recursos y materiales disponibles en la región, aliada a las técnicas constructivas ibéricas. Prevalció el estilo barroco.

Desde la fundación de la "Escuela Real de Ciencias Artes y Oficios" se observa la influencia académica en las edificaciones.

Surgieron nuevos estilos arquitectónicos, como el neo-clásico, que se tornó el estilo oficial del Brasil Imperio.

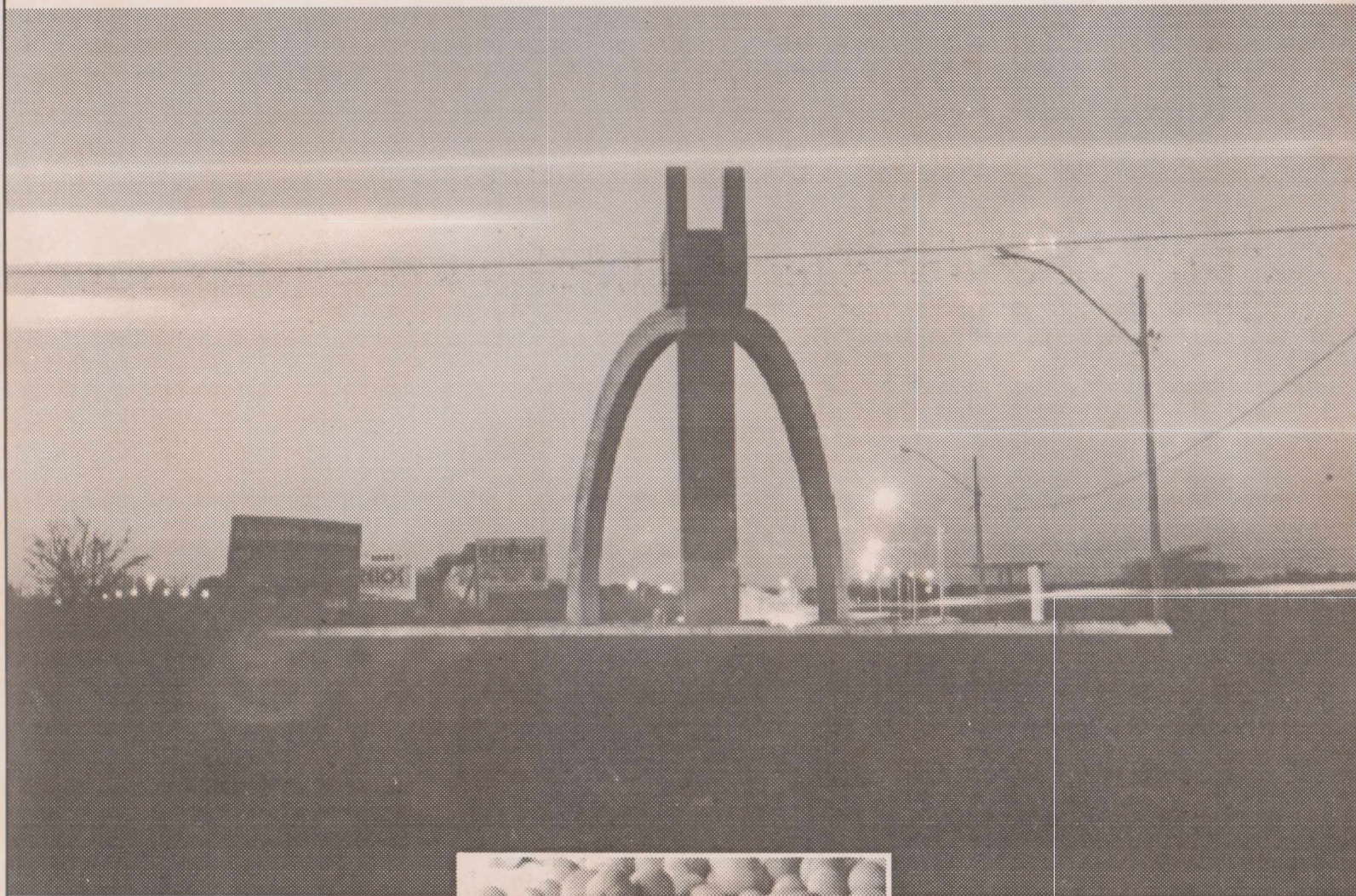
En el período republicano, fué alterado el lenguaje portugués con predominio del ecletismo en la arquitectura, fuera en la persistencia de los estilos neo-clásico, neo-colonial, fuera, todavía mayor en el art-nouveau.

La arquitectura en el Rio Grande do Norte y en el Brasil volvió a sufrir influencia nacionalista, a comenzar del Movimiento Modernista fuertemente señalado por la Semana de Arte Moderna en São Paulo (1922) y la Revolución de 1930, en Brasil.



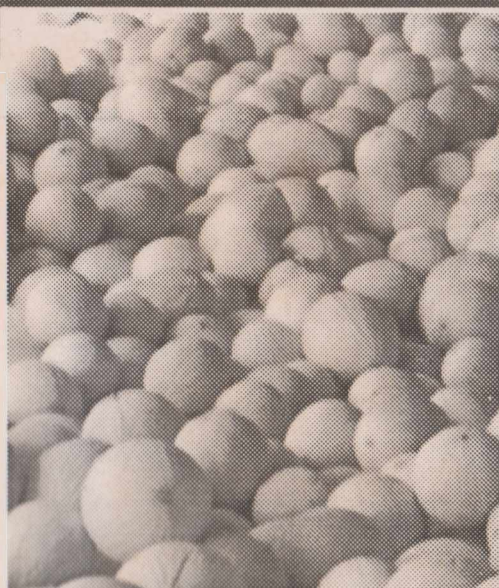
Quem diria...a salada  
de frutas brasileira tomou  
conta do mundo.

*Quién diría... el postre  
de frutas brasileñas ya  
conquistó el mundo.*



Todo ano a cidade do Assú, distante 270 Km de Natal, exporta as melhores frutas da região para além da América do Sul. Vencendo todas as adversidades do solo árido e de um clima naturalmente seco, Assú conseguiu transformar-se em vale de fartura.

Uva, manga, melão, limão, figo e a famosa acerola, fazem parte dessa impressionante salada de frutas que acabou conquistando outros horizontes.



*Cada año la ciudad de Assú, distante 270 Km de Natal, capital del estado de Rio Grande do Norte de Brasil, exporta las mejores frutas de la región lejos de las fronteras de America del Sur. Venciendo todas las adversidades de la tierra arida y del clima seco, Assú consiguió transformarse en un valle fértil.*

*Uva, Mango, Melón, Limón, Higo y la famosa Acerola, forman parte del impresionante postre de frutas que terminó conquistando otros horizontes.*



**Feliz  
ASSU  
pra você**



